



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



LUIZ CARLOS TAWI MATARIM

**NEOLOGISMOS NO ENSINO DA LÍNGUA KURÂ-BAKAIRI: RESISTÊNCIA E
FORTALECIMENTO**

**BARRA DO BUGRES
AGOSTO/2025**

LUIZ CARLOS TAWI MATARIM

**NEOLOGISMOS NO ENSINO DA LÍNGUA KURÂ-BAKAIRI: RESISTÊNCIA E
FORTALECIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGEIIL, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e linguagens em contexto intercultural

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Centurion
Gambarra e Gomes

BARRA DO BUGRES-MT
AGOSTO/2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

M425n Matarim, Luiz Carlos Tawi.

NEOLOGISMOS NO ENSINO DA LÍNGUA KURÂ-BAKAIRI: RESISTÊNCIA E FORTALECIMENTO / Luiz Carlos Tawi Matarim. - Barra do Bugres, 2025.

93f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: Rejane Centurion Gambarra e Gomes.

1. Neologismos. 2. Língua Kurâ-Bakairi. 3. Ensino; Resistência. 4. Fortalecimento. I. Gomes, Rejane Centurion Gambarra e. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 81`373.43

LUIZ CARLOS TAWI MATARIM

**NEOLOGISMOS NO ENSINO DA LÍNGUA KURÂ-BAKAIRI: RESISTÊNCIA E
FORTALECIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH, da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado”, Câmpus Universitário de Barra do Bugres “Dep. Est. Renê Barbour”, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovada em 27 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **REJANE CENTURION GAMBARRA E GOMES**
Data: 29/08/2025 15:54:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rejane Centurion Gambarra e Gomes
Orientadora (UNEMAT/PPGECH)

Documento assinado digitalmente
 **MONICA CIDELE DA CRUZ**
Data: 30/08/2025 22:12:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz
Examinadora Interna (UNEMAT/PPGECH)

Documento assinado digitalmente
 **EVANDRO DE SOUSA BONFIM**
Data: 31/08/2025 17:47:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Evandro de Sousa Bonfim
Examinador Externo (UFRJ)

Dedico este trabalho, com imensa gratidão, ao meu povo Kurâ-Bakairi;
À minha mãe, Daircy Cutazega Kaipanago;
Ao meu pai, Luiz Maciel Matarim Madiciai;
À minha Esposa, Robenilde Xogope Cautu;
Às minhas filhas, Livia Clara Aiumaniru Tawi e Mirella Malui Pâinduke Tawi;
Ao único irmão Lucas Maciel Paruata Matarim;
E a todos os meus amigos e familiares.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me deu a vida, e pela oportunidade de estar cursando o Mestrado Profissional pelo programa PPGECCII-UNEMAT.

Para a realização desta pesquisa, durante esses anos de muito estudo, esforço e empenho, não poderia deixar meus agradecimentos a algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização de mais este sonho. Por isso, expresso aqui, através de palavras sinceras, a importância que elas tiveram, e ainda têm, nesta conquista, e a minha sincera gratidão a todas elas.

Agradeço aos meus pais, Luiz Maciel Matarim Madicai e Daircy Cutazega Kaipanago; meu único irmão, Lucas Maciel Paruata Matarim; à minha querida amada esposa, Robenilde Xogope Cautu e às nossas filhas, Livia Clara Aiumaniru Tawi e Mirella Malui Painduke Tawi, pela compreensão, ao serem privados em muitos momentos da minha companhia e atenção, e pelo profundo apoio, me estimulando nos momentos mais difíceis. Obrigado por desejarem sempre o melhor para mim, pelo esforço que fizeram para que eu pudesse superar cada obstáculo em meu caminho e chegar aqui e, principalmente, pelo amor imenso que vocês têm por mim. A vocês, minha família, sou eternamente grato por tudo que sou, por tudo que consegui conquistar e pela felicidade que tenho.

Minha gratidão especial ao professor Magno Amaldo da Silva, Isabel Taukane, Alinor Aiakady, Marinho Mogoxi, Apolonio Apiaga, por me direcionarem no momento da dificuldade, sobretudo, queridos e grandes amigos, pelas pessoas e profissionais que são. Obrigado por sua dedicação, que o fez, por muitas vezes, deixarem de lado seus momentos de descanso para me ajudar e me apoiar. E, principalmente, obrigado por sempre terem acreditado e depositado sua confiança em mim ao longo de todos esses anos de trabalho que se iniciaram ainda na graduação. Sem sua boa generosidade, apoio, confiança e amizade, não somente neste trabalho, mas em todo o caminho percorrido até aqui, nada disso seria possível.

Um obrigado especial a todos *Kurâ-Bakairi*, a quem realmente considero como todos irmãos, e que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e torcendo por mim, independente de tudo.

Quero também agradecer aos colegas professores pela parceria ao longo desses anos, aos caciques e pajé.

YTAUMBYRY

Âwaunroem Kuru Alâ Ise Ugueho wau tarâ tako Kugunipyry Kuamoty, aukâ maunkâ Idânârâ xutuim kuru, alâ ise tako!

Aukâ pygueduo Uwym Kuiapyna, Yze Kutazega warâ Ienamanâdobyry wâgâ, tâwinze, tewiâse kulâ warâ ykyâmba itomobyry wâgâ, ienamanâze âsenagazedomobyry wâgâ warâ, alâ ise babai, mamãe domondo, toenze kulâ izewato keba âmaemo.

Alâ ise uguely lâpylâ ywydy Xogope Cautu, yagâlâ mâsenagazedomobyry wâgâ, ydato byry wâgâ, koendâ lelâ yagâ matobyry wâgâ warâ kâsenomedâdyly ume.

Ymery Aiumaniru Tâwi, Pâinduke Tâwi warâ alâ ise iegânâpyay âdalâ kulâ amipyra matomobyry wâgâ, âzemo, âundumo, âadamumo, iopyrymo, iorumo, aguely mâindatomo byry wâgâ kâsenomedâday warâ.

Alâ ise Idânârâ kurâ domondo, iamimeom domondo, salukuzenomo domondo, âwysaundo domondo, tako domondo, ningo domondo, seko domondo, xogo domondo, iupy domondo, kugu domondo, pymâ domondo, e pyaji domondo Idânârâ kurâ domondo Izedymo wâgâ xarâ yaintobyry wâgâ.

Alâ ise konomedâni domondo, Konomedâdo Iwymârydo, Konomedâdo oday tâwaneim mondo warâ, koendâ urutomobyry wâgâ, yan âdy mâenkuâdâbyra matomobyry wâgâ warâ.

Alâ Ise xirâ Âwanu yagâ aienipyry mondo, kugu Iukawy, Isabel Taukane, Apiaga, Aiakady, Mogoxi, arâpa enra aiedyly, tykezelâ mitomobyry wâgâ e yagâinkedâlâ Ienomedâdâlâ warâ mitobyry wâgâ kasenagazeday ume.

Alâ pyla xirâ imâsedo kehoem tâdâsenomedâdoam alâ ise uguely iodaxi iegawontobyry wâgâ warâ, idânâra inomedâni byry mondo ara kehoem xirâ kâjitaumbyguely wao tarâ, tytyre kehoem, womarugue lâpylâ olâ warâ ine xarâ yaintobyry wâgâ. Alâ ise lelâlâ idânâra ypemugudo, kurâ domondo.

ÂLÂ ISE!!

Unâ Imâemba Ietyby

Xina, kurâ-bakairi itanwe tâdâsenomedâdoen xirâ aidyly, Xina itanru eon-honwanâdoen, nuzapyra itoen warâ, iscola oday iamineon enomedâdoen tarâ Pakuera anayn, kurâ-bakairi eonroru oday, municipio Paranatingadâ, xarâlâ manwâkâ inanry alunudo eagonro âtâ anano modo âsenomedâze âewyly, kurâ kebamodo fazenda donro imeon âsenomedâze Tâese lâpylâ xarâ warâ awylygue, ago tytanwe adâkeze lâgâlâ wâne xina, anri olâ eagonro tâzezenwery xina duay eon-honwaze kely, xina itanru, xina ezenwery warâ ton-honreba iese kely. Azakâlâ lâgâlâ xina tâzezenwery tiuntudyze awyly, aekuru nâsenagazebyra titoen, tytanru olâ ago kuru tion-honwanâdyze xina ato, nâsenanâbyra itoen. Awylygue, âdydo imeon xina itanwe ezetâdyly ise Ensino Médio agâ kâsewaniho Escola Estadual Indígena Kurâ-bakairi oday, awârâ tâjisejiguymodo ise xina nhezetâguyly. Alunudo agâ kiankâ xirâ agânhedyly, xutuwanimodo kiankâ kanpâiguele lâpylâ, konomedânimodo ewy lâpylâ warâ. Tâdâidyly umelâ, tâjidâtygu umelâ, escola agâ lâpylâ warâ, tâjunwy modo tymeon agâ âjitain-ho ara nâjiwenion, tarâ escola oday âsenomedâdomoen warâ, pekodomodoen, uguondomodoen alelâ, kytanwem ton-honre lelâ escola oday tâdâsenomedâdoen. Koendâ ise xina aietyby wâgâ iamimeon nhutuly ton-honre lelâ tytanwe aguehoen, âdykâ tatodâlâ, âdyan tâtâhobyrydâ warâ.

Unâ xutuho adaguho: Tâjitanru iwelo, Tâjitanru âxiduxi ityby, kytanwem tâdâsenomedâdyly, kytanru eohonwanâdyly

RESUMO

O objeto desta pesquisa é um trabalho sobre o ensino da língua *Kurâ-Bakairi*, cujo objetivo principal é procurar revitalizar, incentivar e fortalecer a utilização desta língua em sala de aula com os alunos do próprio povo, da Escola da Aldeia Pakuera, da Terra Indígena Bakairi, município de Paranatinga-MT, a qual recebe alunos de todas as demais aldeias, inclusive, não indígenas moradores de fazendas vizinhas. A justificativa da pesquisa é porque a língua *Kurâ-Bakairi*, apesar de ser ainda falada diariamente para se comunicar, tem nela introduzidos termos “estrangeiros” que vêm tomando espaço no falar da comunidade, encantando e engolindo parte da cultura de nosso povo. Precisamos saber, aprender nessa via de mão dupla, até mesmo para garantir a sobrevivência de nossa língua materna. Busca-se trabalhar com ela procurando fortalecê-la através do estudo de neologismos no falar dos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena *Kurâ-Bakairi*, a partir de formas para apresentar novas palavras que possam substituir os nomes “aportuguesados” por nomes na língua *Kurâ-Bakairi*, tomando como recorte eletrodomésticos existentes nas nossas aldeias, sendo essa nossa grande preocupação com a manutenção da nossa língua materna. O trabalho foi desenvolvido com os alunos utilizando entrevistas com sábios (as), com alguns professores das aldeias, além da participação em algumas oficinas e seminários, também, em atividades culturais na aldeia, atividades escolares, participação em conversas comunitárias, onde são abordados assuntos e problemas relacionados ao povo e seus conhecimentos tradicionais *Kurâ-Bakairi*. Elaborada uma lista de palavras da língua materna, que são ensinadas pelos pais, e dentro da família, a qual será disponibilizada para uso exclusivo da escola da comunidade como o produto pedagógico para ensino, voltado ao fortalecimento das palavras. O referido produto traz ilustrações feitas pelos alunos, com diversas situações de uso envolvendo pessoas dos sexos masculino e feminino. A partir disso, desenvolveram-se atividades sobre o estudo da língua Bakairi na perspectiva das palavras, por meio de diferentes atividades realizadas em sala de aula, em grupo. Esta pesquisa proporcionou resultados bastante satisfatórios em sala de aula, através de atividades diversificadas produzidas pelos alunos, e fora da escola, também, através da continuidade dos usos na vida cotidiana, bem como, em outros espaços da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Neologismos; Língua Kurâ-Bakairi; Ensino; Resistência; Fortalecimento.

ABSTRACT

The aim of this research is to revitalize, encourage, and strengthen the use of this language in the classroom with students from the Kurâ-Bakairi people at the Pakuera Village School in the Bakairi Indigenous Land, in the municipality of Paranatinga, Mato Grosso do Sul. This school receives students from all other villages, including non-Indigenous residents of neighboring farms. The research is justified because the Kurâ-Bakairi language, although still spoken daily for communication, has been infused with "foreign" terms that have been gaining ground in the community's discourse, enchanting and absorbing part of our people's culture. We need to understand and learn this two-way street, if only to ensure the survival of our mother tongue. The aim is to work with this language, seeking to strengthen it through the study of neologisms used by high school students at the Kurâ-Bakairi State Indigenous School. This study explores ways to introduce new words that can replace "Portuguese" names with names in the Kurâ-Bakairi language. This study uses household appliances found in our villages, as our primary concern is preserving our native language. The work involved interviews with wise men and women, village teachers, and participation in workshops and seminars, as well as in cultural activities in the village, school activities, and community conversations, which address issues and problems related to the Kurâ-Bakairi people and their traditional knowledge. A documentation of native language words taught by parents and within the family was compiled and will be made available for exclusive use by the community school as a pedagogical product aimed at strengthening these words. This product features illustrations created by the students, depicting various usage situations involving males and females. From this, activities were developed to study the Bakairi language from a word perspective, through various classroom activities and group development. This research yielded very satisfactory results both in the classroom, through diverse activities developed by the students, and outside of school, through continued use in daily life, as well as in other community settings.

KEYWORDS: Neologisms; Kurâ-Bakairi language; teaching; resistance; strengthening

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
PI	Posto Indígena
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. OS KURÂ-BAKAIRI: O POVO, A EDUCAÇÃO, O PROFESSOR.....	15
1.1 Sobre o meu povo: os Kurâ-Bakairi.....	15
1.2 A Educação entre os Bakairi: uma breve descrição da escola na aldeia.....	20
1.3 Eu, professor pesquisador Kurâ-Bakairi.....	25
2. A LÍNGUA MATERNA DO POVO KURÂ-BAKAIRI.....	33
3. NEOLOGISMOS NO FALAR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KURÂ-BAKAIRI.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	56
CONSULTORES NATIVOS.....	57

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de neologismos da língua Kurâ-Bakairi, falados pelos alunos do ensino médio da Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi, nosso foco de pesquisa, localizada na aldeia Pakuera da Terra indígena Bakairi, do município de Paranatinga-MT.

O povo Kurâ-Bakairi atualmente se encontra em duas terras Indígenas: Terra Indígena Santana, no município de Nobres; e Terra Indígena Bakairi, em Paranatinga. A população estimada do povo Kurâ-Bakairi é de aproximadamente 1.100 habitantes, distribuídos em 13 aldeias. Três aldeias localizam-se na Terra Indígena Santana (Santana, Canaã, *Igu Iâ'o*) e as demais nas Terras Indígenas Bakairi (*Pakuera*, *Aki-ety*, *Aturua*, *Painkun*, *Kaiahualo*, Cabeceira do Azul, *Kuiakuare*, Alto Ramalho, *Iahodu* e *Sawâpa*, sendo esta última localizada do município de Planalto da Serra).

Na aldeia Pakuera, a maior aldeia do povo Kurâ-Bakairi, está localizado o centro político administrativo do território. É nela que se encontra o polo base de saúde, o posto local da Funai, a base da brigada Indígena do Prevfogo, a sessão eleitoral e a Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi.

O foco dessa pesquisa está centrado na Escola Kurâ-Bakairi, que oferece a Educação Básica completa na modalidade regular, sendo o ensino médio no sistema integral de ensino. Essa escola vem sendo construída com base nas necessidades e demandas específicas do povo Bakairi, uma construção permanente que requer a participação de toda a comunidade, para que de fato tenha a “cara” do povo Kurâ-Bakairi.

O objetivo desse trabalho é tratar do ensino de palavras novas, na língua materna, para substituir as palavras “estrangeiras” usadas atualmente para definir os eletrodomésticos que vêm entrando em nossa sociedade, a partir da chegada da energia elétrica no nosso meio, para que nossa língua seja valorizada e preservada pelas nossas futuras gerações.

A pesquisa de campo foi realizada durante os dois últimos anos, 2023/2024, para a qual entrevistei os alunos do ensino médio e diversas lideranças do povo Kurâ-Bakairi. Os dados foram coletados dando o máximo de liberdade para que todos discorressem sobre o tema que achassem mais importantes. Essas entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente. Houve ainda reuniões e seminários ao longo do ano onde foram coletados novos dados.

Além das entrevistas, houve a participação na vida real, na rotina diária da aldeia, nos trabalhos da roça, caçadas, pescarias, jogos de futebol, atividades culturais, rituais sagrados, viagem a Santana, entre outros, ou seja, em todos os momentos da vida dos

jovens Kurâ-Bakairi, os quais não podem ser registrados apenas com auxílio de questionário.

Para maior visibilidade, são apresentadas fotos que ilustram esse trabalho, devidamente identificadas, com intuito de proporcionar ao leitor uma melhor compreensão dos dados levantados ao longo da pesquisa de campo.

Sou professor formado em *Línguas, Artes e Literaturas* pela Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT e trabalho com Ensino fundamental e Ensino médio da Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi. Além disso, na comunidade coordeno as atividades esportivas, vivenciando problemas e soluções no jeito de falar (língua materna) do meu povo Kurâ-Bakairi e dos neologismos que vêm surgindo em nosso meio.

O presente trabalho é apresentado no formato de capítulos, sendo o primeiro uma breve apresentação do povo, da educação escolar e do professor Kurâ-Bakairi. No capítulo seguinte, fala-se da língua materna do povo Bakairi, apresentando, inclusive, variações do modo de falar entre os moradores da Terra Indígena Bakairi e da Terra Indígena Santana. No terceiro capítulo, é apresentado o resultado da pesquisa, com reflexões sobre os neologismos. Em seguida, apresentamos as considerações finais.

1 OS KURÂ-BAKAIRI: O POVO, A EDUCAÇÃO, O PROFESSOR

Neste capítulo, tratarei do meu povo Kurâ-Bakairi, da educação escolar na comunidade e do papel do professor pesquisador. Será feita uma apresentação do meu povo Kurâ-Bakairi, nosso mito de origem, nosso território e nossa organização social. Em seguida, falarei sobre a educação: surgimento das escolas, diferentes formas pedagógicas e oficialização da educação básica em nosso território. Finalmente, falarei sobre a importância do professor: sua formação e sua prática em sala de aula.

1.1 Sobre o meu povo: os Kurâ-Bakairi

Nesta seção, trato do meu povo Kurâ-Bakairi, e para que você leitor(a) possa nos conhecer melhor, vou iniciar a escrita com nossa narrativa de origem, ou seja, uma forma de apresentar uma possível explicação ou interpretação da realidade, dos acontecimentos, que, para nós, é a única história verdadeira, utilizada como uma forma de explicar o surgimento dos Kurâ-Bakairi no tempo da escuridão, numa época em que os animais também eram em forma de gente, ‘pessoas’. A narrativa de origem, para o meu povo Kurâ-Bakairi, tem o objetivo de explicar a origem de tudo aquilo que existe e é considerada importante para a manutenção da nossa cultura.

Primeiro, é apresentada em língua materna e, depois, em português.

De alguma forma eu sempre ouvi a narrativa de origem contada pela minha própria mãe, Daircy Cutazega Kaipanago, com idade de 58 anos. E para contribuir para minha dissertação e até mesmo para valorizar sua sabedoria e técnica de contar, pude convidá-la para uma atividade de entrevista no dia 15 de maio de 2025, às 14h, na minha casa na aldeia *Aki-Ety*, numa tarde bem calma com apenas o canto dos pássaros no momento do registro.

Para que pudéssemos realizar este trabalho, primeiramente, foi uma conversa bem simples, e tive também uma orientação da minha orientadora que sugeriu que fosse feita uma entrevista e depois transcrita em duas línguas para ter mais qualidade, e foi assim então que fizemos naquela tarde, conforme orientação. A entrevistada não teve muita dificuldade para contar essa narrativa, até porque, ao longo desses anos, ela também exerceu papel de professora de alfabetização durante 14 anos de sala de aula pela rede municipal, sendo mais um motivo pela experiência dela e ao mesmo tempo para deixar de legado entre outras coisas.

Depois que ela contou a narrativa, eu transcrevi no primeiro momento em língua materna e depois a traduzi em língua portuguesa. Confesso que não foi nada fácil

transcrever apesar de ser falante na própria língua, mas foi uma experiência muito produtiva, e temos áudio da gravação durante a entrevista. E assim foi essa coleta.

Tyajinepa atobyry

Iwerâ dia 15 de maio de 2025, tarâ urâ Aki-etydâ Luiz Carlos etydâ. Unâ wao ise kêengatuly, Mârym, imeimbyry lâgâlâ xirâ alâ Kâindatobyry ara lâ ise Kêengatuly warâ, kankuibyrya gâlâ ise urâ warâ. Mâry myani , saguhoem kydâtugudyly ume myani pekodo peba âdykâingâ kulâ myani awâkâ kuamoty domondo xykyly, se ipeybay kulâ, se wâgâ kulâ warâ my kâinane xykylymo. Aituo myani kuamoty idâly mânryn ura egueze idâly myani tydâkary edyen, târâ myani oioholy ikiumani, ârimâtâ, udodo akaemo mondoan oioholy myani, Aituo myani âdyoze kely, xâze kelymo myani, ilâem tyame tyajinepa xixi peba ilâen tyame, aituo myani mâkâ tokalânra aga yâ tykau pekodo odo urâ kely, aituo myani nhakaneholymo, nhakaneholymo lelâ myani âdykâ aukâlâ, aukâlâ, aukâlâ, aukâlâ, aukâlâ, xâgâ, xâgâ, xâgâ, inhemaken-honlymo. Aituo myani mânguy kuamoty âpaunzedyly augueaki kuwânâ ro âdara ku ise iwerâ awidyly ro , kely myakânwân.

Aituo myani mânrym toenzepa âpaunzedyly, aituo mânrym âpa ezaji tâtâhoem myani mârâ axi mânryn nhedyly nhatâly xa, xa ,xa nhedyly puh nhedyly âufa autaungâ ymeon kely, anji nhekyguely ego daxi idâly âpa ezaxi, aituo myani âpa ezay, iamimeon âwynsaundo mondo ieilu , ah haha, ah haha ,ah haha ain lâwânean kely kealâ iomazely, kâdyopa lâwâne maeseaze kely, ipa saindyly myani mâkâ mânguy xikaro domondo iomaru saindyly ume, oh xogo saindyly kelymo ipa tah peto nhamely, ipa pururu ihuguely lelâ, pelagadyen idylymo lelâ, ituo myani ko kely, iweâsero kely, ahuragady ese idâly myani, ahuragady ma myani kurâen ini, mânryn nhatâwâdyly adientobyry ara ma anhedily, âufa autaungâ iamimeon unwâmo eoku ankowândaungârâ kely, mârâ aji nhenkyguely adykeydaylâ nhânly, âpa ezaji idâly peto nhatuly nhenewyly, aituo myani saindyly, ah haha. Ah haha, ah haha, pekodo mondo ieilu, ain wâne enra kely, toenzepa mâkâ pekodo mondo iomanero kely, dah peto nhamely, alâ xogo kely! Alâ, alâ , alâ, alâ, pogugue nhakuily ilâen ma ro iomazely myakânwân, tâduopa tawyly iomaedyly.

Aituo myakânwân mâkâ pogu enymbyryen tymeombyry nhondily myani, tyangahuzeba, tyeguepa, tuhuemba warâmo maunkâ myani, aituo myani nhangahudâdyly, nhangahudu nhyngadyly tymery nhondily mânryn waroen kuru ierymo myani kuriru, ilâpyryen pelagady, ilâpyryen anji nein koendâpa myani inakanhe matola sanly myani ro in itaungâ kely, in idyly tyery nhenehonly eh mârâma eh koendâ kehoen tapeke, aituo myani xirâ ma ise kely kealâ, nhentâdyly, inwâkudâdyly, awylygue mawânâ awârâ tâjiwenu aunlo kulâ keba awyly, tymeombyry nhontobyry mawânâ awârâ kydâpenily, ate iwerâ tahogueze lâwâne kydaze merâ iwenu Ihogue iwenu âkelo, Ereiru iwenu âkelo, Apanumagalo iwenu âkelo, Axumbanalo iwenu âkelo e Numaiakaniru iwenu âkelo warâ inweninwâdyly imeâgâkeba âty nhyngadyly tymeombyry nhoguihoem.

Aituo myakânwân kurâdo aukâ ânguydo imeon âewyly, toenzepa lelâlâ âtyan âewylymo, mânguy kuamoty tâxirydo nhoguihoan âewylymo myakânwân sanelymo, waroem âeni , waroen kehoen âeni mânguy Saro , mâkâ keba awâkâ kely,onwângâ kehoen idâly, aituo mâkâ iwidy aguely: â ia egâ eowanly kely, aituo mâkâ iwary aguely: aga kely! Aituo maunkâ mâkâ saro igâtudyly womi ierylâ, wodu ierylâ teh, teh, teh, teh. Teh kely kealâ, e-em awylygue maenra adykezeba ikâ kely, egâ aguely kely. Aituo myani mâkâ idâly, ilâpyryen tâzewyze kehoem mâkâma ro tywâkure kehoem âewyly tywene kehoem udodo domondo âewyly aguimo maunkâ, ugueanse wâne, ârimâtâ, Ikiumani, udodo akaemo mondo on-hondybyem âewyly, an akaemo ma onwângâ kehoem âewyly, aituo myani ro âzenomidyly,âzenomidyly, azagâ tokalâ ieto wâgâ myani tymery

nhoguiny. Pe merâ onwa, merâ nhewandaxi, merâ nhewandaxi, merâ nhewandaxi, merâ nhewandaxi tâxiry nhedyly. Merâ iwidymo idâhumombyry Ereiru kehoma myani nudupa eangonromolâ warâ kely mawânâ, warâ makânwân kâindadyly.

Os nossos antepassados estavam no escuro

Hoje dia 15 de maio de 2025, estou aqui na aldeia *Aki-ety*, na casa do Luiz Carlos. Vou contar um mito de origem. Assim... este é pequeno, ouvi desse jeito, e vou contar como eu ouvi, nem vou estender muito. Assim... foi há muito tempo... quando surgimos, não existiam mulheres e nessa época *Kuamoty* (Deus) dormia em qualquer lugar, encostado nos pés das árvores, em cima dos troncos das árvores... dormiam desse jeito...

Então, *Kuamoty* resolveu ir tirar seda de tucum mirim para fazer corda de arco, e lá foi encontrado por um grupo de onças: *Ikiumani*, *Ârimâtâ*, foram essas onças que encontraram ele, onde então quase morto por elas, tentaram matar ele... nesse tempo, era tudo escuro, e não existia sol e nem lua, só escuro... quase pego por uma das onças, ele disse para não matá-lo, implorou dizendo:

-Não me mate, meu sobrinho, sou dono das moças – portanto ele deixou passar, mas não avisou seus companheiros, onde então eles procuraram, dizendo:

-Taí, taí, taí, matem-o, matem-o, matem-o – e deixaram ele escapar.

A partir daí, então, *Kuamoty* começou a pensar porque ele havia dito que era dono das moças e assim disse:

-E agora o que eu vou fazer? Como vou fazer? Disse ele!

Daí começou a pensar muito, quando ele resolveu ir na roça, mas antes dele pegar o caminho da roça cortou uma certa madeira axi, contou e juntou, começou a benzer. Levantem, minhas filhas... debulhou milho e colocou no pilão, e foi na roça. Quando estava na roça, ouviu risada das moças, e então ele disse:

-Está quase lá.

Assim ele ficou contente, e falou que não ia mais matar ele. Aí, ele seguiu pra casa... no caminho, as gralhas estavam cantando alegres na chegada dele, e as moças diziam:

-Nosso pai está chegando.

Quando o pai delas jogou a lenha no chão, as moças se desmancharam e viraram pó de cinza. Ficou triste com a situação.

-E agora? disse ele, e foi buscar outro tipo de madeira *Ahuragady*.

Esse foi que deu certo, cortou novamente e fez o mesmo processo, benzeu dizendo para as moças levantarem e prepararem os alimentos com xixá, beiju etc.

-Venham socar alimento para seu pai. Assim ele falou na hora que estava debulhando o milho, e foi novamente na roça buscar lenha. Cortou e trouxe para casa. Aí, ele chegou em casa já com lenha, já avistou as moças alegres e sorridentes, e então disse:

-Está dando certo, tomara que dessa vez dê tudo certo. – e jogou a lenha no chão.

Uma das moças já cumprimentou seu pai e logo em seguida serviram xixá pra ele. Quando notou que havia dado tudo certo, ele ficou muito alegre, porque era para escapar da morte, por isso ele ficou muito alegre.

Assim que terminou de beber a xixá, começou a arrumar as filhas porque estavam faltando alguns detalhes, como cabelos, dentes, bundas etc.

A partir daí, começou colocar os cabelos... fez cabelos nelas para ficarem perfeitos... fez também os dentes que na primeira tentativa foi *kuriru*; segunda tentativa, carvão; e na terceira tentativa, milho, que também não deu certo; por fim, semente de mangava, que teve sucesso com sorriso bem branquinho na hora de sorrir.

Kuamoty também preparou as moças com pinturas corporais, por isso, o grafismo Kurâ-Bakairi tem suas importâncias e significados porque foram feitos para enfeitar as moças que mais para a frente iria ser feita grande festa. Até os dias atuais, ainda praticamos essas pinturas que foram usadas pelas filhas de *Kuamoty*. Cada pintura diferente das outras, *Ihogue* com sua pintura diferente da outra irmã, como de *Apanumagalo*, *Axumbanalo*, *Numaikaniru* e *Ereiru*. Pintaram com pinturas totalmente diferentes das outras, e finalmente fizeram uma festa bem grande para fazer o casamento.

Reuniram vários grupos de outros animais para participarem do casamento, vieram muitas pessoas para presenciar o ritual de casamento das filhas de *Kuamoty*, e o primeiro a chegar foi o grupo das ariranhas, mas *Koamoty* orientou as filhas que o compromisso não foi com esses, dançaram bem agachados, onde uma das filhas mais nova de *Kuamoty* disse sobre o colar que as ariranhas estavam usando:

-Olha aquilo, minha irmã!

Ariranha respondeu na sua música que aquilo era dente do alimento mais preferido dele. Então, a irmã mais velha chamou a atenção da irmã mais nova.

E a ariranha não tendo sucesso seguiu para casa, mas logo em seguida chegou o momento tão esperado, a chegada dos noivos, que vieram bem pintados, todos enfeitados dançando bem agachados muito lindos porque eram bastantes grupos de *Árimâtâ* e *Ikiumani*, onças bem pintadas. Dançaram umas três voltas. Na primeira, na segunda, na terceira volta *Kuamoty* cumpriu o que havia prometido e foi casando suas quatro filhas com as onças.

A filha caçula *Ereiru* essa ele não casou, porque ele preferiu ficar com ela, e também para cuidar dele. Assim ouvi essa história.

Conforme alguns relatos dos anciões da aldeia da qual faço parte, o termo utilizado pelos colonizadores para nomear meu povo de “Bakairi” se dá por conta de serem conhecidos como grandes produtores de plantação de mandioca, tanto é que naquela época ainda não tínhamos contato com arroz; os mais antigos desconheciam esse alimento e, ao mesmo tempo, sentiam nojo comparando com certas larvas brancas, se alimentando apenas de mandioca, peixes assados e algumas frutas coletadas na roça de toco.

A palavra *Kurâ*, pela qual aceitamos ser conhecidos em dias atuais, tem mais significado para nós, porque se trata de uma autodenominação do povo, que possui cultura, língua e costumes tradicionais ainda vivos e cada vez mais fortalecidos para não deixarmos de praticá-los. O surgimento do nosso povo, segundo informações dos anciões da aldeia e, conforme alguns relatos de pesquisadores, é de que foi no Salto *Sawâpa*, abaixo do Rio Verde com Teles Pires, que chamamos de *Tâu*. Foi a partir daí que começam as histórias contadas sobre meu povo, região na qual também andavam grupos de outras etnias como, os Kayabi.

Os Bakairi migraram em três diferentes direções. Uma parcela deslocou-se para as cabeceiras do Arinos e foi a primeira a ser alcançada por bandeiras, nas primeiras décadas do século XVIII, sendo a partir de então engajados nas atividades mineradoras.

Outra deslocou-se para o alto Paranatinga e foi envolvida por colonizadores dedicados à pecuária, agricultura e atividades a elas subsidiárias, nas primeiras décadas do século XIX. A terceira, que era a maior parte, tomou o rumo do alto Xingu, perdendo o contato com as outras duas. Os Bakairi das duas primeiras parcelas passaram a ser conhecidos como "mansos" ou "independentes". Posteriormente, Karl Von Den Steinen, pesquisador, etnólogo Alemão que no final do século XIX realizou uma expedição para descobrir as nascentes do rio Xingu, encontrando ao longo do seu leito diversos povos indígenas entre eles um grupo isolado do Povo Kurâ-Bakairi, cujos guias e remadores foram os Bakairi mansos, que viviam na região do rio Arinos, viria a denominá-los de "ocidentais", reservando o qualificativo de "orientais" aos do alto Xingu (Barros, 1977).

Assim, após a passagem do pesquisador alemão, por volta de 1887, naquela época mais antiga, os Kurâ Domondo (povo Bakairi) viviam como povo nômade, até que uma das lideranças assumiu frente para reunir todos os Bakairi em só uma aldeia. Esse líder tem muita importância e até os dias de hoje se fala dele, cujo nome é Antoninho Kuikare, e foi através da articulação dele com os demais líderes não indígenas que meu povo foi trazido para só um local que por lá no outro lado do rio construíram uma aldeia chamada *Meza Ekuru* (Corgo de Antoninho). Por essa aldeia foi a chegada dos Kurâ depois de alguns anos quando o povo se dividiu, e pela primeira vez se reuniram naquele local do outro lado do Rio Teles Pires. No local onde estamos relatando, moravam famílias de Kuikare. Miguel Sapynague e os demais grupos que moravam ali, faziam atividades culturais e trabalho de agricultura na plantação de vários produtos de alimentos na roça, mas quando aumentou a comunidade, no local escolhido ficou difícil o acesso de água porque o córrego que ficava mais perto, em certa época ele secava. Então, decidiram procurar outro lugar para viver de forma mais tranquila, achando um lugar que chamamos de *Kumyna Ekuru* perto da margem do rio Vermelho. O lugar ficava distante do rio Teles Pires, também era um córrego, mas não secava; o maior problema foi que por ser um córrego não dava muitos peixes e ficava difícil para conseguir alimentos. Então, resolveram mudar para a atual aldeia onde fica mais perto do Rio Teles Pires, que na nossa língua materna é conhecida como *Papa Iwalu*, e com isso se deu nome de aldeia Pakuera, mas antes disso era conhecido como Posto Simões Lopes, e a partir dessas aldeias surgiram as novas 10 aldeias.

Autodenominamo-nos Kurâ-Bakairi, reforçando *Kurâ*, “nosso povo”, “nossa gente”, para nos diferenciarmos das demais etnias e da sociedade de modo geral, denominada por nós de *Kurâ ipa* ou *Kurâpa*, “gente-não”. Segundo alguns anciãos,

Bakairi seria uma espécie de mandioca conhecida pelos colonizadores destas terras e, por consumirem muita desta raiz, acabamos por adotar este nome. Segundo relatos dos anciões mais velhos da aldeia, o primeiro contato dos Kurâ-Bakairi com os homens brancos ocorreu em 1723, quando os bandeirantes chegaram à região nas primeiras décadas do século XVIII, sendo a partir de então engajados nas atividades mineradoras.

Atualmente somos uma população de 1200 indígenas, divididos em duas terras indígenas: Terra Indígena Santana, no município de Nobres, e Terra Indígena Bakairi, no município de Paranatinga, ambas no estado de Mato Grosso.

1.2 A Educação entre nós, Bakairi: uma breve descrição da escola na aldeia

A implantação da educação oficial, a cargo do órgão tutor, na Área Indígena Bakairi, se deu no ano de 1922, três anos antes da chegada dos últimos Bakairi que viviam na região do Alto Xingu. Portanto, a escola já se fazia presente mesmo antes dos próprios Bakairi ali se fixarem.

Assim que esses indígenas chegavam, tinham seus corpos cobertos e seus cabelos cortados à moda do exército brasileiro, pois ao frequentar o espaço de “civilização”, deveriam se vestir e se comportar como “civilizados”. Enquanto a escola absorveria as crianças, os homens eram obrigados a trabalharem nas chamadas “roças do posto”, onde passavam a semana, e as mulheres nas tarefas de limpeza e manutenção do posto. Os indígenas também eram forçados a aprenderem práticas esportivas, como por exemplo o futebol, e vários cânticos patrióticos, como complemento do ensino escolar (Cf. conforme Taukane, 1999).

Segundo Magno Amaldo (2004), a escola foi implantada sem qualquer tipo de planejamento, pois a professora sempre era a esposa do encarregado, independentemente de sua qualificação para exercer a função de magistério. Não havia preocupação se os indígenas possuíam tradições, crenças, costumes, ciências, histórias, organização social e sistemas pedagógicos próprios. Pelo contrário, a escola castrava os saberes e os sentimentos do modo especial de ser e agir Kurâ-Bakairi. Buscava diminuir a razão e a fé dos rituais, dos xamãs, dos velhos e de tudo que fosse considerado sagrado em nossa cosmologia. O objetivo urgente era civilizar e prepará-los para serem úteis ao progresso nacional e mão de obra domesticada para serviços do órgão tutor e da nação geral. Um processo de substituição gradativo da nossa cultura Bakairi pela cultura “civilizada”, contribuindo assim para o processo de liberação de nossas terras para os grandes

produtores. Tudo isso acabou por deixar uma herança no medo de conhecer a escola, suas práticas, que existe ainda hoje.

Após 1942, com a reunião de todos os grupos locais, pelos agentes do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN), em um só aldeamento, a escola passou a funcionar com uma sala de aula mista, meninos e meninas Bakairi e alguns não indígenas. Já no final dos anos de 1960, a obrigação de gerir a educação dos povos indígenas ficou a cargo da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas), órgão que substituiu o antigo SPILTN, no ano de 1967, porém, suas práticas permaneceram as mesmas, pois os professores que trabalhavam desconheciam o universo cultural do povo Bakairi, e sempre tentavam convencer os indígenas que eles eram inferiores, tanto intelectual como socialmente. A maioria dos alunos que frequentou a escola nesse período chegou apenas a concluir a segunda série do ensino fundamental, pois logo que a professora constatasse que o aluno soubesse ler e escrever o próprio nome, imediatamente era retirado da sala de aula e obrigado a ir trabalhar nas roças do Posto (Silva, 2004).

Foi a partir do ano de 1982, que a escola começou a deixar de ser considerada um espaço estrangeiro e passou a ser encarada como espaço físico dos próprios Bakairi, um espaço *Kurâ*, ano em que foram contratados uma professora e dois monitores bilíngues, todos Kurâ-Bakairi. Esse fato contribuiu claramente para a redução do profundo abismo que havia entre a escola e a comunidade. Também foi um ano marcado pela primeira Cisão, dando origem ao grupo local *Aturua*. Até o ano de 1986, novos estabelecimentos foram fundados, cada qual com seu líder, território e sua escola. Desde então, têm-se sete grupos locais relativamente autônomos (Cf. Conforme Barros, 1977).

No ano de 1992, com a municipalização de educação escolar indígena no Brasil, a escola da aldeia Pakuera foi contemplada pela Portaria nº 3277/92/SEE, da Secretaria de Estado de Educação, reconhecendo-a como Escola Municipal de Primeiro Grau, assim como seus níveis e cursos na modalidade regular, passando a se chamar Escola Municipal José Pires Uluku. Com isso, o trabalho desenvolvido na escola passou a ser pautado no modelo pedagógico da Secretaria de Educação do município de Paranatinga. Gradativamente, este modelo escolar foi se modificando, e hoje contamos com a totalidade dos professores Bakairi, o que possibilita que as aulas sejam ministradas na língua indígena e que os valores culturais da comunidade sejam respeitados. Ocorreu em 2000 a formação da primeira turma *Kurâ-Bakairi* do ensino fundamental; e no ano de

2003, o início da primeira turma do ensino médio com extensão da Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo (Silva, 2004).

No ano de 2006, finalmente a escola passa a ser estadual, sendo reconhecida como Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi, tendo hoje além do Ensino fundamental e Médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atualmente, em 2024, a escola passou a funcionar em tempo integral com 30 funcionários, sendo professores, merendeiras, secretário, diretora, coordenadora pedagógica, coordenadora do projeto do APA (Acompanhamento Personalizado de Aprendizagem), bibliotecária, faxineira, professora do projeto Educarte, todos Kurâ-Bakairi e todos qualificados em curso de graduação e pós-graduação, dentre eles mestrando e mestre. As aulas são ministradas em prédio próprio; antigamente se ministravam aulas em edificações antigas, feitas de adobes, construídas em 1942, onde outrora funcionava um hospital com 20 leitos, a qual é chamada de “escola velha”, e a “escola nova”, construída com recursos do Fundo Escola e inaugurada em março de 2003.

Nesse processo, não se pode esquecer da atuação dos missionários. Tanto os missionários da *South American Indian Mission* (SAIM), quanto do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), que prestaram serviços na área de educação entre os Kurâ-Bakairi (Silva, 2004).

Logo após a implantação da escola, os missionários protestantes da *South American* instalaram-se na área Bakairi, em 1928. Fixaram-se onde hoje se localiza o Posto e a Escola da aldeia Pakuera. O objetivo era converter nosso povo Bakairi ao protestantismo, aproveitando, sobretudo, o espaço da escola do órgão oficial, quando essa se encontrava fechada. Os missionários ministravam aulas de bordado e corte e costura como complemento das atividades escolares.

Quando o órgão tutor (SPI) promoveu a reunião dos Bakairi em um único aldeamento em 1942, os missionários se mudaram para um novo local, que ficou conhecido como a Missão, distante seis quilômetros da aldeia. Esses missionários e os agentes do SILTN disputavam entre si o poder sobre os Bakairi. Os meninos que frequentavam a sua escola, que funcionava em regime de semi-internato, trabalhavam nas hortas; e as meninas, como empregadas domésticas na missão. Como forma de pagamento pelo trabalho realizado, estas crianças recebiam sabonetes, sabão, colares de miçanga, roupas, tecidos, perfumes, etc., e o mesmo acontecia para quem frequentasse os cultos dominicais, acarretando um certo esvaziamento da escola do órgão tutor e, conseqüentemente, a perda de controle sobre a força de trabalho das crianças que nela estudavam (Cf. Conforme Taukane, 1996).

Quanto aos missionários da *Summer Institute of Linguistics* (SIL), vêm atuando entre os Bakairi desde a década de 60. Textos bíblicos foram traduzidos para a língua materna e alguns indígenas foram formados como monitores bilíngues, a fim de trabalharem com as cartilhas de alfabetização na língua materna. Essas cartilhas, ainda hoje, vêm sendo elaboradas juntamente com os Bakairi da aldeia Paikum. Sobre o trabalho com cartilhas, Freire (1986, p. 49-50) afirma:

De um lado, é verdade, não se pode dispensar estes sons no trabalho de alfabetização. Mas, de outro, só se pode procurar estes sons em palavras que tenham ligação com a vida dos educandos, com a região em que eles moram e até mesmo com a classe social a que eles pertencem. Este foi um dos problemas que encontrei nas cartilhas. O outro: tudo já estava feito pelo autor na cartilha. Ele não só escolhia as palavras e as frases que iam entrar na cartilha e, portanto, nos cursos de alfabetização, mais ainda decompunha ele próprio as palavras em suas sílabas e, depois, fazia a combinação fonética delas. Resumindo: ao educando só cabia memorizar mecanicamente todo esse exercício que o autor ou autora da cartilha realizava para ele. Ora, no meu trabalho como alfabetizador, eu partia de uma posição contrária a tudo isso. Eu dizia que o educador devia transformar o ato de ensinar alguma coisa para alguém num ato de conhecer alguma coisa com alguém. Ensinar, pra mim, é conhecer com. Esses eram o problema que eu encontrava nas cartilhas e que me faziam fugir delas. O resultado das experiências de ensino que fiz sem as cartilhas, naquela época, foram bons. Mas, em pouco tempo, descobri que era preciso começar a oferecer ao alfabetizando aquilo que, então, chamei de material de apoio. Quando eu e o grupo de pessoas que trabalhavam comigo estávamos pensando em como organizar estes materiais de apoio aconteceu golpe militar de 1964. Depois, não foi mais possível fazer isto no Brasil.

Além de promoverem vários seminários com a comunidade, o SIL começa a fazer assessoria aos professores Bakairi, tanto em Santana, como em Paranatinga. (Silva, 2004). Vários seminários já foram realizados na área Bakairi. O principal destaque foi o seminário não-religioso, promovido em 1977, onde entre os vários participantes, estivera presente a linguista Ruth Montserrat, resultando num pequeno vocabulário Bakairi/Português, português/Bakairi com cerca de 500 verbetes. Atualmente, o linguista Sergio Meira, do Museu Goeldi, vem coletando dados para elaboração de um dicionário de língua Bakairi com cerca de 5.000 (cinco mil) verbetes (Silva, 2004).

Para Darlene Taukane (1999), a história da educação escolar do povo Bakairi, “os Kurâ Bakairi” como são chamados, tem início a partir do ano de 1922 com a implantação do primeiro posto indígena Simões Lopes com a comissão do Marechal Rondon no ano de 1920. Foi implantada a primeira escola na Terra Indígena Bakairi cujo nome era

“Escola Rural Mista do Posto Indígena Simões Lopes”. Para esta autora, no período entre o ano de 1920 até o ano de 1984, a escola na Terra Indígena Bakairi passou por um momento de adaptação por parte dos professores que lecionavam, isto é, um professor não indígena ficava um período na aldeia ensinando os alunos Kurâ-Bakairi e outro período permanecia em sua casa na cidade em que vivia. Embora este modo de ensinar fosse bem vindo naquele tempo, a mudança se inicia a partir do ano de 1985, quando a escola se torna real para nós, Kurâ-Bakairi, com as aulas sendo ministradas pelos próprios professores Bakairi. A partir de então, novas conquistas foram alcançadas, tais como: melhor infraestrutura, com biblioteca, sala de informática, *internet* etc.

Com o desenvolvimento e avanço nas ideias e consciência política de cada Kurâ-Bakairi, a educação escolar tem se tornado cada vez mais importante entre nosso povo. A escola tem permitido conquistas e é por esta escola que conquistamos e seremos alguma coisa para trabalharmos em benefício do nosso povo. Ela propicia o surgimento de mais um líder na aldeia. Por isso, chegamos ao ano de 1994, onde a nossa escola passa a ter turmas de nível médio como sala anexa, porém é necessário e pela primeira vez na história dos Kurâ-Bakairi, no ano de 2006, a nossa escola passa a ter o diretor e sua equipe técnica pelos próprios Kurâ-Bakairi, que foi o professor Paulo Kavopi, durante dois (02) anos de mandato, que foi um sucesso, porém, seguindo as normas dos não indígenas, tivemos de escolher outro para próximos mandatos, e sendo esta opção a escolha da comunidade foi para a escolha de outro professor, o Arlindo R. Kogapi, que passou a ser então diretor por dois anos, 2008 e 2009, e teve seu trabalho reconhecido pela comunidade sendo reconduzido por mais dois anos, 2010 e 2011, que tem por merecida a forma de aplicar o seu conhecimento na sua própria comunidade na Terra Indígena Bakairi, município de Paranatinga (MT).

Atualmente, a escola oferece o ensino fundamental e médio e com turma de educação de jovens e adultos. Possui também sala de informática com *internet*, biblioteca, sala dos professores, e desde professores indígenas Bakairi até a parte de auxiliar administrativa servindo atualmente na escola. Pela história do povo Kurâ-Bakairi, a aceleração da modernidade chegou há pouco tempo, mas com o avanço na escola, a modernidade é vista pelas pessoas Bakairi como uma nova ferramenta de comunicação, de informação, de qualificação para o enfrentamento do novo método de educação escolar indígena, em especial a educação escolar indígena Bakairi e a educação Kurâ-Bakairi. “Não existe uma coisa chamada educação em si, língua em si, linguística, sons, fonética,

consoantes, nada disso existe nisso. O que há é, num contexto maior, que é político, econômico, social e ideológico” (Freire, 1986, p. 31).

Temos professores Bakairi graduados e pós-graduados lecionando e educando na sua própria comunidade, falantes em língua materna que facilita na formação dos alunos para que possam ter melhores desempenho na aprendizagem.

Nos últimos anos, os professores indígenas, a exemplo do que ocorre em muitas outras escolas do país, vêm insistentemente afirmando a necessidade de contarem com currículos mais próximos de suas realidades e mais condizentes com as novas demandas de seus povos. Esses professores reivindicam a construção de novas propostas curriculares para suas escolas, em substituição àqueles modelos de educação que, ao longo da história, lhes vêm sendo impostos, já que tais modelos nunca corresponderam aos seus interesses políticos e às pedagogias de suas culturas. A princípio, não há entraves legais para que tais currículos sejam construídos: a Constituição de 1988 e a nova LDB garantem aos povos indígenas o direito de estabelecerem formas particulares de organização escolar - como, por exemplo, um calendário próprio” (Brasil, 1998, p. 11).

Os professores são os seguintes: Agnaldo Rondon Kogapi, Licenciatura em Pedagogia; Paulo Kavopi, Licenciatura em Línguas; Magno A. da Silva, bacharel em Economia e licenciatura em Matemática; Valdo K. Xagope, Licenciatura em Ciências da Matemática; Evandro Mahuiiawa, Licenciatura em Ciências da Matemática; Jeremias Pioure, Licenciatura em Ciências da Matemática; Reginaldo I. Xerente, Licenciatura em Ciências Sociais; Apolônio Apiaga, Licenciatura em Línguas; Voldomir Ianu, Licenciatura em Ciências da Matemática; Marcio Alua, licenciatura em Línguas; Arlindo R. Kogapi, Licenciatura em Ciências da Matemática; Marinho U. Xerente, Licenciatura em Pedagogia, Pós-graduado.

1.3 Eu, professor pesquisador Kurâ-Bakairi

Sou filho de Daircy Cutazega Kaipanago e Luiz Maciel Matarim Madicai, da união entre Bakairi de Santana, do município de Nobres, com Bakairi de Pakuera, do município de Paranatinga, do estado de Mato Grosso. Sou Luiz Carlos Tawi Matarim, nascido em Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, professor graduado em Licenciatura na área de Línguas, Artes e Literaturas, pela UNEMAT, Câmpus de Barra do Bugres-MT. Atualmente, sou mestrando no curso de Mestrado Profissionalizante, pelo Programa de Pós – Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH.

Pertenço ao povo Kurâ-Bakairi da aldeia *Aki-Ety* da Terra Indígena Kurâ-Bakairi do Município de Paranatinga – MT, tenho um único irmão que se chama Lucas Maciel Paruata Matarim. Sou casado com Robenildes Xagope Cautu, e juntos somos pais de duas filhas moças lindas: a mais velha se chama Livia Clara Awumaniru Tawi e a mais nova, Mirella Malui Pâinduke Tawi.

Iniciei meus estudos na alfabetização aos 5 anos de idade, na Escola Municipal de Primeiro Grau Jose Pires Uluku, localizada na aldeia Pakuera, tendo sido alfabetizado pela minha própria minha mãe, que naquela época atuava como professora de alfabetização até aos anos de 2007. Estudei Pré I e Pré II com a mesma professora no ano de 1995 e 1996, e somente no ano seguinte estudei 1ª série com a professora Maísa Taukane, no ano de 1997. Repeti de ano na 2ª série com o professor Paulo Kavopi, nos anos de 1998 e 1999. Na 3ª série, estudei novamente com a professora Dayrcy Cutazega Kaipanago, no ano de 2000. Na 4ª série, estudei com o saudoso Professor Jeremias Poiure no ano de 2001, e assim terminei meus anos iniciais na escola municipal de primeiro grau Jose Pires Uluku.

No ano de 2002, iniciei meu estudo no 5º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi, e ali conheci outras disciplinas e outros professores como: Apolônio Apiaga, Arlindo Rondon, Agnaldo Rondon, Reginaldo Ikaura Xerente, Valdo Kutaiava Xagope, Magno Amaldo da Silva, Jeremias Poiure, Evandro Mahuaiawa. Foi com esses professores que estudei no ensino fundamental até o 8º ano de 2006, e foi na mesma época que assumi relacionamento sério e por conta de ser muito jovem, aos 16 anos de idade, quase abandonei os meus estudos para ir acompanhar a minha esposa que estava no período de gestação. Fiquei 3 meses fora da escola, mas mesmo assim, fiz provão e consegui atingir boas notas para finalmente concluir meu ensino fundamental com direito a festa de colação de grau.

Em 2007, foi a vez de cursar o 1º ano de ensino médio na mesma escola onde estudei ensino fundamental com os mesmos professores. Durante esses períodos de estudos, apareceram muitos problemas que tive que enfrentar, dentre eles foram problemas de saúde da minha filha, desemprego para ter sustento próprio, e no ano de 2009 desisti de concluir meu ensino médio para poder trabalhar por conta que tinha que sustentar a minha família e com isso não sobrava tempo para estudar.

Durante o ano que tinha desistido de estudar, apareceram muitas oportunidades de empregos, mas que exigiam currículo escolar, e como eu não tinha, era difícil de encaixar. Foi um ano para pensar muito no futuro.

Somente em 2010, retornei para a escola e pude concluir meu 3º ano de ensino médio com apoio da minha família, até mesmo dos professores que me fizeram pensar em ser alguém na vida e melhorar condições de vida, e finalmente consegui concluir o ensino médio que parecia ser quase impossível, mas que teve final feliz e mais uma vez com direto a festa de colação de grau.

Já com ideia amadurecida, logo pensei em cursar algum curso na Universidade. O que me fez focar nesse desafio, foi no período que parei de estudar e foi o momento de reflexão para seguir firme na luta, pois os meus colegas que estudavam no ensino fundamental comigo até a metade de ensino médio já estavam todos enfrentando a faculdade. Quando notei que eu estava ficando pra trás, mas no ano seguinte, em 2011, quando tudo parecia estar perdido, a UNEMAT lançou edital para curso de graduação para professores indígenas, e me inscrevi nessa seleção.

Para ser sincero, eu não tinha nem ideia do que era ser um professor. Meu maior sonho quando era criança, era ser um médico pediátrico ou veterinário, mas hoje penso que um dos motivos pra eu seguir carreira de professor veio quando eu presenciei quando a minha mãe fez vestibular e não conseguiu passar e por esse motivo ela perdeu o cargo de 14 anos de sala de aula. Então, busquei seguir a carreira dela onde a vida toda ela prestou serviço à comunidade e teve sucesso na carreira.

Fiz a redação falando da minha trajetória e meu projeto para o futuro que talvez um dia seria referência na comunidade. Durante o ensino médio tive ótimos professores, mas o que realmente me fez aprender mais na escrita, foi o professor Magno Amado da Silva, primeiro por ser professor de Língua Portuguesa, segundo que ele domina a disciplina, e tive sucesso em ser aprovado no curso de graduação no Câmpus de Barra do Bugres-MT.

Durante o curso da Graduação em Línguas Artes e Literatura aprendi a enfrentar novos desafios, entre eles o de defender as minhas ideias, meus direitos, meus valores como Kurâ-Bakairi, minha língua materna, minha cultura, costumes tradicionais e rituais sagrados e, enfim, nosso território.

Antes de ingressar na faculdade, eu era muito leigo nas questões políticas, tanto na política da educação escolar indígena, quanto em outras partes; e sobre as questões religiosas, até quando me entendi como pessoa, sempre fui católico, meus avós eram católicos, até porque fomos catequisados na igreja católica. Aprofundo no meu memorial descrevendo um pouco sobre a cultura que adaptamos com o povo cuiabano em fazer

rezas de santos, cantar cururu e dançar músicas como lambadão e rasqueado, que é cultura de Mato Grosso.

Segundo os relatos dos anciões da aldeia, naquela época, o pessoal da aldeia saía muito nas fazendas em busca de serviços e foi na Fazenda Laranjal que fazia festa de santo onde tiveram primeiro contato com essa tradição. Os mais velhos da aldeia também relatam que eles trabalhavam como vaqueiros da fazenda e serviços gerais e assim assistiam às festas e aprenderam a cantar cururu.

Mas houve tempo que junto levavam as famílias e por lá tiveram contatos com não indígenas, que trouxeram problemas para a comunidade. Um dos maiores problemas era alcoolismo, tabagismo e relação sexual com não indígenas e com isso apareceram doenças contagiosas, alguns membros da comunidade ficaram desaldeados, e para resolver ou tentar amenizar do caso, o antigo chefe do posto permitiu a entrada de santo na aldeia para que os demais não saíssem fora da aldeia para festar.

Assim trouxeram São Benedito como padroeiro do lugar, e todo ano são feitas reza e festa na aldeia com hasteamento das bandeiras. Depois, trouxeram outros santos como São José, São Miguel, São Pedro, São João, Santo Antônio, Nossa Senhora Aparecida etc. Meu avô paterno cujo nome é Moacir Madicai era professor com nível de magistério, músico das danças culturais, pintor, artesão, historiador, e um dos músicos do cururu e capelão de reza. Então, sempre tive ligação com a religião católica através do meu avô, e uma das músicas que ele produziu que eu aprendi com ele foi “essa noite, eu não dormi só pensando em você e se você não me acredita, vou ver se eu durmo, vou sonhar pra você ver”. Foi umas das canções dele que hoje aprendi a cantar. Outra música foi “antes de eu morrer quero amar seu coração, antes de eu morrer tenho esperança de ser seu bem, mas não carece você me falar”.

Como surgiram essas festas nas aldeias Bakairi?

Conforme Collet (2006, p. 150):

Entre os Bakairi, tal forma de relação aparece principalmente no que diz respeito às “festas de santo”. Apesar de as cerimônias deste tipo terem sido introduzidas entre os Bakairi pelo SPI, o seu desenvolvimento foi determinado pela mesma lógica em questão, ou seja, a relação entre ‘dono’ (sodo) do santo e “festeiro” geralmente é estabelecida segundo o binômio doença/cerimônia. Assim, por exemplo, diz-se que um certo ‘dono’ de santo teria morrido por ter decidido não mais realizar a festa; em decorrência do fato, hoje em dia seus descendentes participam da festa anual, mesmo com dificuldade, pois temem destino parecido ou, como dizem, o “castigo do santo”. Há ainda várias pessoas mais fortemente ligadas ao santo devido à cura de

uma doença, os chamados “promesseiros”, que devem sempre passar na casa do seu santo e ajudar na época das festas. A cerimônia de “oferecer café” para o santo, como veremos, tem como objetivo agradecer por uma cura específica. A doença opera como o ‘motor’ da realização dessas cerimônias, estando na origem da vinculação de um indivíduo a uma determinada festa, seja através da cura ou do temor pela doença; A promoção do ritual é diretamente dependente dos aspectos motivadores do envolvimento das pessoas”,

ainda afirmando que:

Ao fazermos uma comparação entre essas festas realizadas em homenagem aos santos católicos e as cerimônias do kado, podemos perceber muitos pontos em comum. Com efeito, posso afirmar que as festas de santo foram inseridas entre os Bakairi enquadrando-se no modelo preestabelecido dos rituais coletivos sagrados. As ‘estátuas’ dos santos e as máscaras são vistas como objetificação de ‘espíritos’ em torno dos quais se faz uma festa com o intuito de agradá-los e assim garantir saúde e fartura. Os espíritos do kado vivem dentro das águas dos rios, e os santos estão no céu. Porém, em ambos os casos, são responsáveis pela harmonia do mundo terreno. Há alguns santos, como é o caso de São João e São Pedro, que têm em torno de si ainda mais semelhanças com os espíritos do kado, pois são também relacionados ao domínio aquático, como demonstra a parte da festa em que são levados ao rio para serem batizados (Collet, 2006, p. 180).

A princípio, a nossa cultura sofreu impacto com a entrada de cultura diferente em vários aspectos, até alguns anos atrás, e com o passar do tempo houve mudança que hoje em dia vemos ter enfraquecido as práticas, principalmente, entre os mais jovens da atualidade. Com os avanços das tecnologias, políticas linguísticas, organização social, eles acabam favorecendo mais em nossa cultura ao invés das outras.

Segundo relato da minha mãe, a minha vó Albertina Ataguniru me preparava muito com as plantas medicinais, para que eu pudesse ter facilidade de aprender as coisas. Ela preparava miolo de papagaio, miolo de macaco, que eram muito recomendados para as crianças comerem, de preferência assados; e asa de japuira também era feito nesse processo, mas de forma não consumida.

Para ser bom caçador e andar um bom quilômetro era arranhado com miolo da parte dianteira do porco queixado; para se tornar bom flechador, casa de marimbondo; para ser bom pescador, era passado féu de peixe como traíra, Matrinchã, ervas do mato etc. Então, minha vó usava muito arranhador para escarificação do corpo na preparação dessas plantas, e para o nosso povo arranhador serve para dar punições também às crianças rebeldes, por isso esse material era temido para mim e ajudava muito para ser

um bom menino e comportado. Todos esses relatos e trabalhos que fazemos na vida cotidiana são de suma importância para o nosso povo se manter sempre fortalecido.

Meu maior sentimento hoje em dia é que eu não pude conviver muito tempo com a minha vó paterna, pois devido a problemas de saúde, ela faleceu quando eu tinha apenas uns 3 para 4 anos de idade; a outra vó materna não cheguei de conhecer, porque segundo a minha mãe ela faleceu quando ela tinha uns 16 anos de idade. Então, hoje em dia sinto muita falta delas e nem sei como seria hoje com elas, mas uma coisa tenho certeza: que se sentiriam orgulhosas do meu trabalho. Já dos meus avôs paterno e materno tenho algumas recordações. Do meu vô paterno, como relatei no início, aprendi muitas coisas boas, das quais hoje em dia pratico as pinturas, cantos, contos de história etc.

No ano de 2019 foi o ano em que me tornei diretor da Escola e o ano em que infelizmente perdi meu vô paterno com doença cardíaca, mas que deixou boas lembranças e ensinamentos para mim. Meu vô materno esteve mais presente na minha juventude e se chamava Euclides Kaipanago; com ele aprendi a ser um bom pescador, trabalho na roça, enfim, mas não tive final feliz com meu vô porque alguns anos depois ele teve problemas de saúde e fez tratamento muito delicado. Esse problema era com rins, que haviam parado de funcionar, e teve de fazer tratamento de Hemodiálise durante 9 anos, mas durante esse processo de tratamento surgiu outra doença, a COVID 19, que tirou a vida dele. A maior tristeza que eu sinto até hoje é que não pude me despedir dele e o corpo foi enterrado na cidade de Rondonópolis –MT. Também era artesão, músico, e no ano de 2020, perdi meu vô muito querido.

Na minha juventude eu tive ótimo ensino-aprendizagem; quando minha mãe saía para estudar fora, eu ficava em casa com meu pai e meus avôs tomavam conta de mim. Meu pai sempre trabalhou honestamente; naquela época ele não tinha ensino médio para ir trabalhar fora, mas ajudava minha mãe trabalhando como servente de pedreiro, pescador, caçador e muitas vezes como vaqueiro nas fazendas. Meu pai sempre me incentivou a ter estudos porque dizia que na época dele não teve oportunidade de estudar.

Comparando a educação na época em que estudei até os dias atuais, muitas coisas se modificaram. A tecnologia tem um ponto que ajuda mas ela dificulta no convívio dos jovens de praticar as atividades do cotidiano com seus pais. Também venho notando que os namoros eram feitos através das cartas, e os alunos se esforçavam a aprender a ler e escrever para conquistar a mulher amada. Faço parte dessa época, mas não tive muito sucesso porque na primeira eu me enrolei e assumi responsabilidade muito cedo.

Hoje, como sou pai de moças adolescentes, não recomendo muito para assumirem relacionamentos sérios porque eu senti muitas dificuldades quando eu sai pela primeira vez, mas o erro de hoje sempre serve para consertar o amanhã. Durante nossos relacionamentos, a gente não se preveniu e nisso aconteceu fato indesejável que hoje são as nossas maiores alegrias da casa.

Acredito eu que a academia trouxe muitos pontos positivos na minha formação na Universidade. Hoje sou muito feliz pelas escolhas que eu fiz em ser professor, e estar cursando mestrado é uma coisa muito boa da qual eu sinto muito orgulho. Não é fácil representar meu povo que por algum dia sofreu muitas coisas ruins, dentre elas foram proibidos a deixarem de praticar suas culturas e tradições e falar sua Língua na época de SPI, sendo que já fomos até denominados como povos extintos, mas isso só trouxe fortalecimento para nós como povo que tem área demarcada hoje, e é falante da própria língua Nata. Só temos de manter preservadas as conquistas que tivemos ao longo dessa jornada. A luta não para e o nosso povo espera da gente.

Visando a importância de manter a nossa cultura, línguas, crenças, costumes tradicionais cada vez mais ricos e fortalecidos ao mesmo tempo também com avanços da tecnologia na aldeia, e havendo uma grande preocupação como pesquisador da história do seu povo, busquei aprofundar mais conhecimentos em relação à língua materna da qual corremos o risco de perder a fala e a escrita, até porque somos da cultura da oralidade e temos dificuldades para fazer registros, documentários em forma de escritas, mas hoje em dia estamos tendo outra visão de aproveitar o máximo para produzir materiais didáticos para nossa escola e garantir os anciões e anciãs que ainda estão vivas para ajudar a construir esse processo de elaboração.

Então, pensando nisso, veio na minha ideia de fazer um projeto de criar alguns nomes de objetos eletrodomésticos que hoje fazem parte na nossa cultura, para estar utilizando esses nomes na própria língua do povo do qual faço parte. No primeiro momento, eu mesmo achei essa ideia muito estranha, mas com passar do tempo também mudei a minha opinião e estou analisando o quanto esse projeto vai contribuir para a escola, e para a comunidade. A ideia de criar os nomes na língua materna não foi pensando sobre significado, mas sim, para valorizar a língua Bakairi; pelo que notei, a língua do meu povo não se traduz ao “pé da letra”, mas sim entre algumas partes usamos a semântica, e assim vamos criando os nomes na língua materna.

Este projeto está em minha mente desde a época da faculdade quando tive aula com o professor Juscimar Tapirapé. Lembro como se fosse hoje da aula dele numa

disciplina da qual participei e mostrou seu trabalho com próprio povo dele na criação dos nomes na língua Tapirapé, e desde então me interessei e trouxe comigo para que um dia pudesse praticar essa ideia com meu povo, e já preocupado para futura geração que pode ser que não esteja interessada para estudar sua própria língua.

Às vezes chego a me arrepender de quando eu não me importava com a aula de língua materna. Pensava que sabia de tudo, tendo dia que até chegava a faltar na aula, mas também procuro entender um pouco como fomos colonizados, e fomos obrigados a deixar de falar na língua materna, na escola. Talvez por ter sido alfabetizado na língua portuguesa não dava atenção, mas todas essas coisas mudaram quando me preparei e achei caminho em praticar, valorizar e fortalecer cada vez mais.

Atualmente, venho observando que tivemos muito avanço na questão da valorização da nossa língua materna, quando chegamos na porta da escola e está lá escrito na língua: *âdara imedylymo* (bom dia), *âdara âguandylymo* (boa tarde) e *âdara âguantaimo* (boa noite), para as pessoas que antes não se deparavam com essa realidade atual, muitas das vezes se surpreendem ou até mesmo acham algo muito inovador; a aula de língua materna vem fazendo a diferença na escola. Aos poucos, estamos voltando a esquecer de utilizar algumas palavras emprestadas do português. Por exemplo, nome do cachorro, quase não se fala *seru seru* que é o nome específico, e as pessoas preferem chamar de *kaxoro*, que é língua emprestada do português. Então, quando explicamos para os alunos eles acham estranho, mas ao mesmo tempo eles começam a entender.

Com muito incentivo e dedicação, melhorou muito essa questão e hoje todos têm acesso à rede social; a comunidade no modo geral compartilha e comenta suas publicações na/em língua materna.

2. A NOSSA LÍNGUA MATERNA KURÂ-BAKAIRI

Neste capítulo, iremos tratar da nossa língua Kurâ-Bakairi, apresentando a família a que pertence e fazendo as comparações e variações da língua Bakairi dos indígenas da Terra Indígena Bakairi de Paranatinga, com os indígenas moradores do município de Nobres.

Nós, Kurâ-Bakairi, somos falantes de duas variantes de uma língua pertencente a um dos dois ramos meridionais da família Karib, tendo a língua portuguesa como segunda língua. Autodenominamo-nos Kurâ-Bakairi, reforçando “*Kurâ*”, “nosso povo”, “nossa gente”, para nos diferenciarmos das demais etnias e da sociedade de modo geral, denominada por nós de “*Kurâ ípa*” ou “*Kurâpa*”, “gente-não”. Como já dito anteriormente, Bakairi seria uma espécie de mandioca conhecida pelos colonizadores destas terras e, por consumirem muito desta raiz, acabamos por adotar este nome. Segundo relatos dos anciões mais velhos da aldeia, o primeiro contato dos Kurâ-Bakairi com os homens brancos ocorreu em 1723, quando os bandeirantes chegaram à região nas primeiras décadas do século XVIII, sendo a partir de então engajados nas atividades mineradoras.

Então, foi a partir do ano de 1723 que meu povo teve seu primeiro contato com a sociedade ocidental, quando aprenderam cultura diferente da nossa e em meio de trabalho e muitos outros que foram aprendendo. A partir do ano de 1847, conforme relatos, foi quando o povo foi proibido de falar sua própria língua materna, entre outras violências contra eles praticadas na época do SPI. Até os dias atuais ainda se conta como eram tratados nessa época em questão da língua, cultura, conhecimentos tradicionais e organização social etc. Nessa época não era permitido falar a língua do povo até mesmo na própria escola, e eram obrigados a falar somente na língua portuguesa e quem descumprisse a ordem recebia até castigo sem direito a nenhuma proteção, que até mesmo na hora do lanche não podia conversar na língua (Relato pessoal do senhor Alinor Aiakady Kaluiawa, 65 anos).

Para que a língua portuguesa se tornasse a língua de maior poder linguístico e, por isso, a língua oficial do país, foi preciso que ela lutasse contra as línguas indígenas, numa guerra linguística que começou há muitos anos e que continua até hoje. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, havia de 6 a 10 milhões de índios e aproximadamente 1.300 línguas indígenas. Hoje, a população indígena no país não chega a 300.000, tendo restado, como se sabe, apenas cerca de 180 línguas nativas. E claro que a diminuição da população indígena - e, conseqüentemente, do número de línguas indígenas - não ocorreu

apenas por motivos linguísticos. Não se pode esquecer de que a guerra linguística é apenas uma parte de um conjunto maior de disputas entre a sociedade envolvente e as sociedades indígenas: disputa pela terra, pelos recursos naturais, pela mão de obra, pelo conhecimento... (Brasil, 1998, p. 108).

Hoje em dia me sinto tão orgulhoso em saber que pertenço ao povo resistente, que soube como proteger todas as suas riquezas, entre elas, a língua, a cultura e a tradição, que em nenhum momento deixou de resistir a praticá-las, tiveram outros meios de protegê-las e fortalecer-se para as futuras gerações Kurâ-Bakairi. Esses meios que acharam foram, por exemplo, usar cantos quando estivessem na pescaria, na roça coletiva e em outras atividades quando ficavam sozinhos.

A língua materna do povo Kurâ-Bakairi sofreu e passou por tudo isso, mas mesmo assim falamos fluentemente a nossa língua, e trabalhamos incansavelmente para manter a língua Bakairi sempre viva e fortalecida porque foram heranças dos nossos antepassados, e na aldeia todos falam a língua portuguesa para se comunicar, todos nós somos bilíngues e alguns alunos já são multilíngues, falam outras línguas estrangeiras que aprendem na escola. A minha bisavó utilizava as duas línguas ao mesmo tempo sem nenhuma dificuldade e dizia que naquela época a política na educação não se preocupava muito com a questão da língua materna do povo, eram alfabetizados em língua portuguesa que é a língua oficial do Brasil, mas que o processo de educação era muito complicado naquela época pois só se estudava até à antiga 4ª série, e segundo a professora, só ficavam uns seis meses na aldeia, pois não aguentavam ficar muito tempo fora de casa, e por isso a aula acontecia somente quando a professora retornasse à aldeia, onde perdiam a maior parte do tempo fora da sala.

E com passar do tempo...

Elas são fruto da ignorância e do preconceito. Toda língua é complexa: toda língua tem um sistema que organiza os sons, tem um sistema que permite construção de palavras, tem regras e princípios que permitem construir frase e discursos. Toda língua tem um vocabulário com milhares de palavras, e esse vocabulário está sempre aumentando porque toda língua está sempre criando novas palavras. Não existem, portanto, línguas mais pobres e línguas mais ricas, ou línguas com poucas palavras e línguas com vocabulário extenso. Não existem línguas sem gramática - embora existam línguas cujas gramáticas não estejam registradas em livros... Não existem línguas com gramática simples e línguas com gramática complexa, línguas com sons esquisitos e línguas com sons normais. Não existe língua primitiva. Toda língua é completa, rica e serve plenamente para todos os usos que dela se queira fazer. **A inclusão de uma língua indígena no currículo escolar tem a**

função de atribuir-lhe o status de língua plena e de colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, um direito previsto pela Constituição Brasileira (Brasil, 1998, p. 109, grifos do autor).

Isso aconteceu há muitos anos na aldeia, e a coisa só melhorou quando a FUNAI assumiu a educação daquele tempo, mas mesmo assim os alunos saíam da aldeia em busca de conhecimentos e frequentavam escolas agrícolas em outros municípios.

O lado bom é que por lá ganharam muitas experiências boas e a política da FUNAI mudou também para melhor: contrataram os próprios indígenas para estarem lecionando aula na aldeia de forma bilíngue, e foi a partir daí que mudou a forma de ensino na comunidade Bakairi, e também onde veio a professora missionária para estar auxiliando os professores da aldeia, fator importante, pois através disso se formaram outras ideias para municipalizar a escola da Terra Indígena Kurâ-Bakairi. Foram vários dias de lutas, mas, enfim, conseguiram municipalizar a escola, já que tinham ex-alunos das escolas agrícolas para estarem atuando na sala de aula, e assim conseguimos ter acesso à escola com vários professores e professoras contratados, inclusive merendeiras. Mais tarde, foi outra luta foi para estadualizar a nossa escola, e desde então temos duas escolas na aldeia Pakuera que é a maior aldeia dos Kurâ-Bakairi considerada hoje pela liderança local por Capital dos Bakairi. A escola da rede municipal se chama Escola Municipal de Primeiro Grau José Pires Uluku, e a outra se chama Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi.

De acordo com o RCNEI,

A história da educação escolar indígena revela que, de um modo geral, a escola sempre teve por objetivo integrar as populações indígenas à sociedade envolvente. As línguas indígenas eram vistas como o grande obstáculo para que isso pudesse acontecer. Daí que a função da escola era ensinar os alunos indígenas a falar e a ler e escrever em português. Somente há pouco tempo começou-se, em algumas escolas, a utilizar as línguas indígenas na alfabetização, ao se perceber as dificuldades de alfabetizar alunos em uma língua que eles não dominavam, o português. Mesmo nesses casos, no entanto, assim que os alunos aprendiam a ler e a escrever, a língua indígena era retirada da sala de aula, já que a aquisição da língua portuguesa continuava a ser a grande meta. É claro que, tendo sido essa a situação, a escola contribuiu muito para o enfraquecimento, para o desprestígio e, conseqüentemente, para o desaparecimento de línguas indígenas (Brasil, 1998, p. 110).

Na rede municipal são ofertados anos iniciais e todos os alunos são alfabetizados na língua portuguesa; desde que ela foi implantada ela sempre atuou assim, mas no passar de um bom tempo houve mudança, pois quando os professores fizeram vestibular e

frequentaram a Faculdade tiveram outra visão de ensino, já que antes poucas pessoas ligavam para questões da língua materna do povo, mas mesmo assim o pessoal do SIL já fazia trabalho em outra aldeia vizinha, a 12km da aldeia Pakuera, onde produziam diversas cartilhas transcritas de forma bilíngue. Por questões de necessidade e por ainda não termos nossos próprios materiais feitos por nós, continuamos usando e que também vem desaparecendo aos poucos, sendo mais um motivo para nos dedicarmos e deixar este material como um resultado para a escola. Nesse projeto pela SIL, também tinha a participação dos professores, e esses professores que trabalharam na produção conseguiram aprender a dominar bem a língua materna e assim foram ensinando-a na escola.

Como afirma o RCNEI (Brasil, 1998, p. 111):

Além de ser a língua de instrução, a língua indígena deve também entrar no currículo, no caso de comunidades bilíngues, como uma de suas disciplinas: língua indígena como primeira língua. Nesses casos, ela será objeto de reflexão e de estudo, tanto no nível oral quanto no escrito, o que contribuirá para que os alunos conheçam com mais profundidade sua própria língua e ampliem sua competência no uso da mesma. Quando a língua indígena for escrita, ela aparecerá em cartilhas, gramáticas, dicionários, antologias de textos etc. O fato de terem suas línguas tradicionais publicadas, descritas e documentadas - assim como acontece com as línguas de prestígio no mundo inteiro - tem sido motivo de orgulho e satisfação para muitos povos indígenas.

Desde que me entendo como gente “pessoa”, o nosso modo de falar é na mesma língua materna, claro que também utilizamos algumas palavras emprestadas da língua portuguesa, mas é muito raro se comunicar em português na aldeia, tanto é que quando vamos na cidade sofremos muitos preconceitos por falarmos em nosso idioma. Aqueles que conhecem a nossa realidade há muito tempo, eles sempre nos incentivam a não esquecer a falar, inclusive, por curiosidade alguns dos nossos amigos e conhecidos começam a querer aprender a falar em Bakairi.

Desde criança, as primeiras palavras que são ensinadas na aldeia é falar “pai” e “mãe”, depois “avós”, “tios” e “tias”, “primos”, “sobrinhos” etc. Isso acontece de forma bilíngue. Nos anos anteriores, quando não tínhamos acesso a rede social, tudo era mais complicado, apenas usávamos rádio e televisão para acompanhar as notícias de fora, tanto é que naquela época não tinha energia elétrica na aldeia, e tudo funcionava apenas com motor, bateria.

Aprender e saber usar a Língua Portuguesa na escola é um dos meios de *nue (sic)* as sociedades indígenas dispõem para interpretar e compreender as bases legais que orientam a vida no país, sobretudo aquelas que dizem respeito aos direitos dos povos indígenas. Todos os documentos que regulam a vida da sociedade brasileira são escritos em português: as leis, principalmente a Constituição, os regulamentos, os documentos pessoais, os contratos, os títulos, os registros e os estatutos. Os alunos indígenas são cidadãos brasileiros e, como tais, têm o direito de conhecer esses documentos para poderem intervir, sempre que necessitarem, em qualquer esfera da vida social e política do país (Brasil, 1998, p. 112).

Então, o acesso era muito mais complicado naquela época e as coisas eram mais preservadas, e tudo era novidade para nós naquele tempo. Com passar do tempo, as coisas foram mudando em vários aspectos no nosso modo de viver, e isso aconteceu quando foi instalada a energia elétrica na aldeia, havendo muitas transformações, algumas boas e outras não muito boas. Antes da chegada de energia em nossa comunidade, em todo final de tarde as pessoas se reuniam para contar histórias, cantos, mitos e até mesmo para observar as estrelas, brincadeiras em rodas, brincadeira de esconde-esconde etc. Existia apenas um único lugar para assistir à televisão; enquanto os nossos pais assistiam, a gente brincava imitando filme que a gente assistia ou que imaginava em nossa própria língua.

Quando passamos a ter energia elétrica em nossas casas, devagarzinho as coisas foram mudando porque ninguém mais se reunia no centro para assistir à televisão, devido que o pessoal foi comprando e instalando em suas casas, e com isso tinha mais tempo de assistir a outros programas já que antes só assistiam à noite para ver jornal nacional, novelas das nove e jogo. Era muito raro assistir televisão durante o dia, só quando tinha jogo de seleção brasileira ou jogos nos domingos, fora isso não se assistia televisão, tendo mais tempo para fazer outras atividades do cotidiano. A chegada de energia elétrica na aldeia foi modificando e trazendo conforto porque com os aparelhos em casa: dava para assistir mais coisas; não se bebia mais água quente da torneira; antes o banho era no rio e se passou a tomar banho em casa e quando na época de frio ou durante a parte da manhã, o banho se tornou quente com chuveiro elétrico. Antes de se acostumar, os alunos tiveram dificuldade para ir à aula porque começaram a dormir mais tarde para assistir TV, mas os pais sempre ficaram no controle para irem à escola estudar.

Com a chegada de internet, foi mais desafiador ainda porque ela trouxe mais para perto o que parecia mais distante de nós, e o maior desafio hoje em dia é que alguns pesquisadores já alertaram é que com a chegada de energia a gente possa perder nossos costumes tradicionais, línguas e culturas. Não nos preocupávamos muito naquela época

como a gente se preocupa com crianças de hoje em dia, pois apesar de a internet ter uma parte boa, outra parte trouxe alguns pontos preocupantes, dentre eles vícios de jogos, crianças ficando mimadas e algumas pessoas ficando sem conversar oralmente só navegando no celular. E com isso as crianças estão começando a falar mais em português do que na língua Bakairi, mas também estamos trabalhando muito na escola incentivando os jovens para fortalecer mais a nossa língua materna. A nossa maior dificuldade é que não temos livros didáticos exclusivos escritos na língua do povo, mas temos algumas cartilhas produzidas pelo SIL que usamos na escola para ensinar nossos alunos a ler e escrever, e também temos a Bíblia escrita na língua, que serve como ferramenta de trabalho, mas não pretendemos parar por ali, estamos sempre procurando outros meios para produzir nosso material didático para estar trabalhando na escola.

No meu ponto de vista acadêmico, durante todos esses anos a qualificação profissional dentro da UNEMAT trouxe avanços dentro e fora das nossas unidades escolares, porque aprendemos a ensinar nossos alunos conforme as suas necessidades e respeitando a especificidade do povo Kurâ-Bakairi. Quando participo dos eventos sobre questões da língua materna, sempre repito que no passado eu não tinha domínio do meu próprio idioma, porque no tempo que fui alfabetizado, não fui alfabetizado no meu idioma, eu achava que sabia de tudo em relação à minha língua, mas que cheguei à conclusão de que eu estava enganado comigo mesmo e comecei a valorizar mais e aprender mais para ter domínio dela para depois ensinar os alunos. Ainda não tive oportunidade de atuar anos iniciais da alfabetização, mas já trabalhei no ensino fundamental com a disciplina de língua materna e juntos fizemos ótimos trabalhos, percebi que aprendi mais do que ensinei, descobrimos ao longo das aulas que na escrita do meu sobrenome em Kurâ-Bakairi houve muitos erros na escrita, a qual se pronuncia de outra forma, e isso ocorreu porque naquele tempo meus pais não tiveram aula de língua materna ou apenas foram ignorados durante registro, no cartório de registro civil de Paranatinga. Por isso até hoje estou lutando para corrigir meu sobrenome em Kurâ-Bakairi que não foi registrado de acordo com o que se pronuncia e para mim não tem significado. Observamos que na aldeia há vários nomes que são escritos diferente do que pronunciamos.

Temos pouco material na escola, sendo utilizados com todas as turmas da unidade escolar. Geralmente temos duas aulas de língua materna no componente curricular, e tentamos aproveitar o máximo para que possamos realizar sucesso em nossa aula. Para a nossa felicidade, com domínio de escrita na nossa língua, estamos conseguindo passar

conhecimento para nossos alunos que são futuros pesquisadores, e com isso aos poucos voltamos a praticar algumas coisas que já não estávamos mais praticando, e com a ajuda de tecnologia digital, estamos registrando para fortalecer cada vez mais os conhecimentos dos nossos anciões da aldeia.

Em língua materna do povo Kurâ-Bakairi, há diferenças de variação no falar entre os Bakairi do município de Nobres, com os Bakairi do município de Paranatinga; ambos são do mesmo povo mas há algumas diferenças no falar entre eles. Como podemos observar abaixo, há três sugestões para sua substituição no falar:

<i>‘tâga’eim’</i>	(que possui grande velocidade)
<i>‘kakobâni’</i>	(que tem como função deslocar)
<i>‘ahagâ kakobâni’</i>	(que desloca duas pessoas)

Nestes exemplos, duas situações reforçam as diferenças entre as palavras *‘tâga’eim’* no bakairi de Paranatinga é *‘tâgaseim’*, tendo a letra ‘s’ substituída pelo apóstrofo, o que sonoramente representa uma glotal. Já a palavra *‘ahagâ kakobâni’* em bakairi de Paranatinga é *‘azagâ kakobâni’*, ou seja, a letra ‘h’ é substituída pela letra ‘z’, representando sonoramente uma fricativa, assim funcionando a língua do nosso povo.

De acordo com o RCNEI (Brasil, 1998, p. 114):

Dentre as variedades do português falado no Brasil, existe uma que, por motivos históricos, políticos e ideológicos - ela é a variedade falada pela classe dominante - tornou-se o dialeto de maior prestígio e passou a ser considerada a variedade padrão do português. Esse dialeto do português é o que aparece escrito nas leis, nos jornais, nos textos escritos formais, oficiais. E ele também o dialeto em geral usado, oralmente, nos noticiários da televisão e em situações formais. A imensa maioria da população brasileira, entretanto, não conhece, não domina, não fala esta variedade. Por isso é fundamental que a escola - seja ela indígena ou não - propicie a seus alunos o conhecimento da variedade padrão.

Para fortalecer ainda mais o nosso idioma, este trabalho traz como tema neologismos em nossa língua materna Kurâ-Bakairi, com o objetivo de valorizar cada vez mais o uso de língua materna no falar, cada vez mais fortalecida, também pensando na geração futura para que as línguas estrangeiras não tomem conta no falar entre os Kurâ-Bakairi. Atualmente, há presença de muitas palavras estrangeiras como por exemplo: “kaxoro”, “aroe”, “galo” etc, que usamos para nos comunicar, e com isso estamos preocupados em manter ela sempre viva e fortalecida, há presença de palavras emprestadas do português que substituem os nomes específicos dos animais, e dos objetos que fazem parte no meio entre nós.

Os alunos indígenas, quando começam a frequentar a escola, já têm muito conhecimento sobre o uso oral de sua primeira língua, seja ela qual for. A experiência oral que a criança traz para a escola é a da conversação do dia a-dia com as pessoas com as quais convive e com as quais compartilha referências culturais. Nessas situações, a compreensão se dá, geralmente, com muita facilidade, porque todos se conhecem e conhecem bem o assunto sobre o qual estão falando. Como as sociedades indígenas são sociedades pequenas, se comparadas com a sociedade majoritária, suas crianças aprenderão a usar oralmente as línguas indígenas, de forma adequada a todas as situações sociais, no próprio convívio diário: não há necessidade de nenhuma intervenção escolar nesse sentido. Na sociedade maior, de fala portuguesa, entretanto, há muitas situações, como por exemplo numa consulta médica, num cartório, numa repartição pública, em que as pessoas não se conhecem e não têm, necessariamente, as mesmas referências. É por isso que precisamos, nessas oportunidades, ser mais claros, expressar melhor nossas intenções, nossos pontos de vista e nossos argumentos, nossas dúvidas, nossos sentimentos. Diante disso, é papel da escola ampliar as formas de expressão oral do aluno em língua portuguesa, para que ele possa se comunicar em novas situações (Brasil, 1998, p. 124).

Então, observando isso, me preocupei em fazer este trabalho de pesquisa sobre neologismo para criar, junto com os alunos, novas palavras na língua, de produtos eletrodomésticos, na expectativa de valorizar, incentivar e fortalecer cada vez mais a nossa língua materna que não se encontra totalmente protegida, no caso, é objetivo da minha pesquisa, e decidi optar, inicialmente, pelos eletrodomésticos, por serem nomes externos da vida Kurâ-Bakairi e, posteriormente, levantar os nomes de animais e alimentos, já existentes mas atualmente em desuso pela comunidade. No início da minha pesquisa de dissertação achei quase impossível coletar e colocar essa ideia em prática, mas, quanto mais achava complicado, mais incentivo eu recebia dos outros colegas, amigos e familiares para buscar essa experiência no falar do meu povo.

Durante a pesquisa, antes de colocar o projeto em prática, no primeiro momento já fiz breves comentários a respeito desse trabalho na comunidade em que eu moro, e logo tive total apoio que para mim seria algo muito novo e procurei em seguida começar a observar no convívio social como que criamos novas palavras que não são da nossa realidade. Fico feliz ao presenciar cada momento durante a pesquisa o quanto é importante trabalhar nesse sentido e até mesmo quando vejo que meu povo, ele é bem criativo quando quer criar algum nome. Conforme Edir Pina de Barros (1977) relata: “Houve um tempo em que conheceram o primeiro pesquisador Alemão Karl Vond

Steinen e por ele foram pesquisados; mesmo ele sendo estranho, logo fizeram amizade com ele e batizaram ele como Apalagado, como era conhecido na aldeia por eles.”

Quando ouvi isso mais uma vez cheguei a acreditar em mim mesmo que era possível sim criar os nomes na minha própria língua, os que se fazem presentes em volta na aldeia.

Hoje em dia a grande maioria dos Kurâ-Bakairi são bilíngues, tanto na escrita como no falar. É a língua materna que o nosso povo utiliza no dia a dia para se comunicar, se manifestar e informar sobre tudo que acontece dentro e fora da aldeia. Só utilizamos o português para falar com os não indígenas e com povos indígenas de outras etnias, no demais é sempre na língua materna. Inclusive, nos grupos de redes sociais internas é utilizada, integralmente, a língua materna para comunicação. Porém, as nossas crianças, dessa última geração já vêm utilizando a língua portuguesa, na maioria de seu tempo, para se comunicarem com outras crianças no dia a dia, interferência notada a partir da chegada da luz elétrica e ampliada após a chegada da *internet*. Essa é a nossa grande preocupação com a manutenção da língua materna Kurâ-Bakairi.

3. NEOLOGISMOS NO FALAR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KURÂ-BAKAIRI

Neste capítulo, tratamos de descrever uma prática pedagógica sobre os Neologismos e Empréstimos no falar dos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi, da aldeia Pakuera, Terra Indígena Kurâ-Bakairi, do Município de Paranatinga, Estado de Mato Grosso, a qual culminou na elaboração de um produto pedagógico. É importante esclarecer que existe outra área indígena Kurâ-Bakairi no município de Nobres, sendo esses dois Territórios formados por 13 aldeias: 10 no Município de Paranatinga e 3 no município de Nobres, tendo a pesquisa sido realizada somente na Terra Indígena Bakairi de Paranatinga, na Escola da Aldeia Pakuera e também com algumas pessoas da aldeia *Aki-Ety*.

Figura 1: Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi/Aldeia Pakuera



Fonte: acervo da comunidade Kurâ-Bakairi (2021)

O presente trabalho nasceu ainda na época da faculdade quando cursava na graduação do curso de Licenciatura Indígena Intercultural. Ao longo das etapas presenciais tivemos várias áreas do conhecimento, e dentre essas aulas nasceu esse sonho de pesquisar a minha própria língua materna. Antes de ter conhecimento não ligava e não me importava muito em questões da língua escrita e falada, mas meu pensamento mudou quando participei de uma disciplina na qual o professor auxiliar era um professor indígena

em que teve sua participação para falar de seus projetos e trabalhos feitos na aldeia. Foi assim então que o professor Josimar Tapirapé explicou sobre os neologismos da sua própria língua Tapirapé tratando da importância de criar nomes na própria língua do povo para que se mantivesse sempre forte e fortalecida, e assim então comecei a prestar mais atenção e observação para que no futuro pudesse fazer pesquisa sobre esse tema.

Para Alan Rey (1976 *apud* Correia, 2012, p. 23):

Neologismo é uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua.

Depois de alguns anos, tive oportunidade de apresentar meu projeto para o curso de Mestrado pelo PPGECH no qual fui aprovado e depois de etapas presenciais, apresentei a minha pesquisa para a comunidade da aldeia em que eu moro, que se chama aldeia *Aki-Ety* e, também, na escola onde eu trabalho que é a escola estadual indígena Kurâ-Bakairi, da aldeia Pakuera. Hoje em dia, não está sendo muito fácil realizar pesquisa dentro da aldeia, até porque a comunidade fica meio com receio em poder dar suas entrevistas e suas contribuições, isso porque já passaram vários pesquisadores que apenas coletaram as informações e não contribuíram com nada para o povo. Apresentaram várias promessas e nunca voltaram para ajudar, trazendo a desconfiança para o povo em relação às pesquisas na comunidade, mas tem um lado positivo que para nós que atuamos na educação apesar de passar quase as mesmas desconfianças pela comunidade, pelo menos moramos e convivemos na aldeia, sempre estamos participando dos eventos, encontros, palestras, rituais, organizações sociais, mutirão e demais coisas do cotidiano. Então, facilitou muito para fazer este trabalho de pesquisa. Uma pena lamentável o meu momento de pesquisa ter chegado depois da pandemia, porque eu perdi várias pessoas importantes que contribuiriam para este trabalho, mas em memória deles é que busquei me esforçar para seguir em frente e me dedicar a este trabalho.

Comecei a apresentar meu projeto na escola com os alunos, que também têm papel fundamental nesta pesquisa, e no início do trabalho juntos achamos quase impossível conseguir coletar as informações e organizar as que coletamos, devido que para nós foi muito complicado. Então começamos a produzir este trabalho e aprofundar mais no conhecimento, e também achei muito interessante a participação dos alunos do ensino fundamental, tanto é que expliquei a definição de neologismos.

Segundo levantamento feito pelo pesquisador Evandro Bonfim (avaliador dessa pesquisa), em línguas ameríndias, os processos de criação de neologismo podem ser motivados pela introdução de objetos, alimentos e espécies provenientes da sociedade não-indígena, podendo ocorrer dois tipos: o Conceitual e o Formal. O neologismo conceitual ocorre quando novos significados são atribuídos a um significante. Exemplos: *Pogu* (mingau e cerveja); *Iorai* (fofoqueiro e celular); *Momo* (ser mítico, boi).

Já o neologismo formal diz respeito ao registro de novas palavras na língua, seja em decorrência de empréstimos ou surgidos através dos processos regulares de formação de palavras na língua como derivação (mudança de classe de palavras através de morfemas funcionais), composição ou criação de ideofones. Empréstimos passam por processos de ajustes aos padrões fonológicos da língua, como molde silábico, repertório fonético, restrições fonotáticas.

Exemplos:

- i) Empréstimos: *Tapirâ* (vaca); *Arekuma, aukuma* (Galinha); *Kawaru* (cavalo); *Bakairi* (exodenominação);
- ii) Ideofones: *Seru-seru* (cachorro); *Pyry Pyry* (celular, som do ato de deslizar na tela)
- iii) Derivação:
 Sufixo -do
Eka/dy/byem - sentar
Eka -do - banco

- iv) Composição:

Adjunto ergativo	Objeto absolutivo – verbo	Sujeito
Pogo	I-SE	
Ura		
Mingau ele quero eu – ‘Eu quero mingau’		

Máquina de lavar roupa	
Âtâ	I - goke – ho
Roupa 30ABS – lavar – instrumental	
Âtâ	I - goke – im
Roupa 30ABS – lavar – aspecto progressivo	

Para construção de novos termos, justaposição, prefixação, aglutinação, sufixação e hibridismo, como processos de formação de palavras, além do processo de estrangeirismo, que é o uso de vocabulário de outros idiomas (“melaxia”, para a fruta melancia), expliquei para a turma do 7º ano do ensino fundamental e para os demais alunos, como para os do Ensino Médio. Em seguida, apresentei os resultados para apreciação dos caciques e lideranças da comunidade *Kurâ-Bakairi*.

A partir dessa discussão e conceitos, foi possível tratar dos neologismos com os alunos tendo sido um momento muito produtivo para que este trabalho pudesse ter mais facilidade na produção.

Com a lista de nomes levantados com os alunos do ensino médio, já analisados e aprovados pelos mais velhos, apresentei para os alunos do ensino fundamental, para análise. Antes disso, construímos uma lista de nomes de frutas, animais e eletrodomésticos, falados em nossa comunidade, de modo “aportuguesado”. Vimos a enorme quantidade de nomes usados em idiomas estrangeiros pelo nosso povo; a perda da língua materna, ao usar no dia a dia essas palavras. Os alunos ficaram assustados. Somente depois, passamos a falar das palavras construídas para substituírem esses empréstimos linguísticos. Todos viram a importância da pesquisa e a necessidade de envolvimento dos jovens Bakairi.

Figura 2: Discussão sobre neologismos na sala de aula



Acervo: Alice Rondon (2024)

Figura 3: Na sala de aula com a turma do 7º Ano do Ensino Fundamental



Acervo: Alice Rondon (2024)

Sugeri trabalhar com o projeto nessa turma devido facilitar para mim, já que a disciplina que eu trabalho com eles é na área de Língua Materna, então, foi bom também ter escolhido essa turma para que os alunos pudessem contribuir na elaboração deste trabalho, e juntos aprendemos mais conhecimento que favorece tanto a mim como a eles. Tiveram oportunidade de ter diálogo dentro e fora da sala de aula, também ajudaram com ideias, desenhos, e foram muitos criativos. Para eles, foi uma novidade estarem contribuindo dessa forma e as aulas foram muito dinâmicas, mas devido ainda estarem na fase de construção das ideias não tivemos muitas informações, e algumas partes ficaram no caminho.

Em outros momentos também tivemos trabalho em conjunto para tratar do tema abordado com a turma do ensino médio. Fizemos um pequeno seminário dentro da sala de aula para discutir sobre isso, e ao iniciar meu projeto com essa turma, primeiro comentei do que se tratava, logo em seguida apresentei meu projeto de pesquisa usando projetor como ferramenta e assim fui mostrando todos os passos que percorri até chegar a essa pesquisa, Não teve muitas perguntas em relação ao meu trabalho e todos concordaram em contribuir a dar apoio na execução do trabalho, e assim começou a

produção deste material com muito foco e ao mesmo tempo grande esperança de produzir ótimos trabalhos para que possamos deixar como referência dentro do território do nosso povo Kurâ-Bakairi, inclusive na escola e fora da escola.

Abaixo trago a turma do ensino médio, com a qual trabalhei os neologismos, dando sequência à minha prática pedagógica.

Figuras 4 e 5: Alunos do Ensino Médio



Acervo do pesquisador (2024)

Seguindo a aula com os alunos do ensino médio, antes de passar para a prática, teve vários momentos teóricos para que pudessem entender melhor, mostrando trabalhos que desenvolvi em outros momentos durante a minha formação e assim partimos para as práticas com muita esperança de que servisse também como exemplos ao longo dessa jornada de estudos e pesquisa na Universidade, experiências adquiridas que serão muito importantes também para aqueles que queiram seguir carreira de pesquisador.

Essa ideia sobre neologismos, onde todas as palavras que não existiam e passaram a existir independentemente do tempo de vida, criadas pela necessidade de designar um objeto ou um conceito inédito, em áreas tão diversas, chamados de neologismo popular, nasce das conversas do dia a dia e das gírias de cada povo. Também é de suma importância até mesmo para valorizar mais a nossa língua materna e para que sejam realizadas mais produções sobre isso. Hoje em dia, nos preocupamos muito também com questões de política linguística dentro do nosso território; então, o objetivo deste trabalho é trazer

mais um ponto de referência para nos mantermos vivos e resistentes ao longo dos anos. Por isso este trabalho também participou de vários eventos fora de sala de aula, como por exemplo eventos que foram organizados pela associação ANAE, que também organizou evento que trouxe quase a mesma preocupação para a nossa comunidade. Também discutimos o fato de mantermos a Língua materna forte cada vez mais, nossas culturas, costumes tradicionais, saberes tradicionais, medicinas tradicionais etc.

Figura 6: I Seminário na aldeia Aki-ety



Acervo: Rayca Tamara (2024)

Neste seminário, também foi muito importante a minha participação como mestrando para trazer novas experiências para meu povo *Kurâ-Bakairi*, onde mais uma vez apresentei meu projeto para a comunidade local e tratei da importância em produzir novos conteúdos utilizando os neologismos para criar novos nomes dos meios tecnológicos que não fazem parte da nossa cultura, mas que hoje em dia usamos e estão em nosso meio, no dia a dia. Ao observar que já utilizamos uma nova forma de criar os nomes que não pertencem à nossa cultura, e com a explicação em relação ao meu projeto de pesquisa, pude notar que apenas o que falta é registrar para que possamos ensinar às futuras gerações.

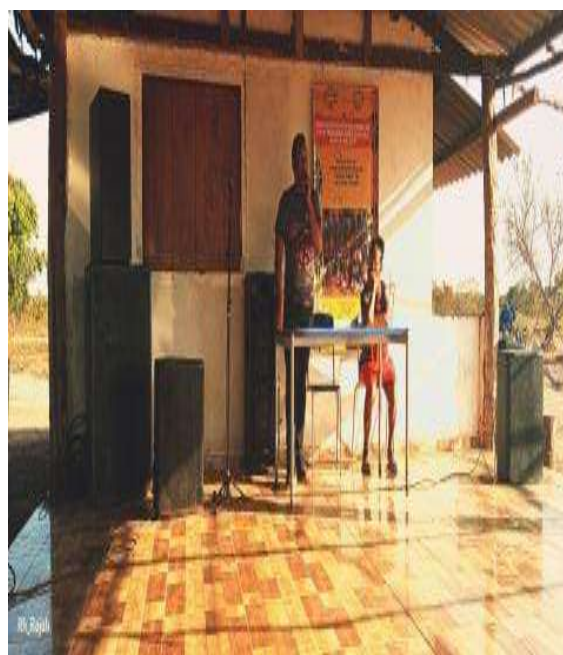
A maior dificuldade no registro escrito é que algumas pessoas não têm muita habilidade e conhecimento para passar aos registros, até porque as pessoas se preocupam

mais em ouvir do que escrever, mas no decorrer do tempo estamos aprendendo a registrar tudo agora, até porque os anciões da aldeia estão acabando, e precisamos aproveitar do tempo que lhes restam para coletar e criar meios de fortalecer a língua.

Quando acontecem eventos importantes na aldeia, as pessoas se respeitam muito, é um motivo do qual eu me orgulho muito, e ao mesmo tempo aprendo também. Talvez seria muito mais difícil para mim para produzir este trabalho, mas o que está facilitando é que eu gosto muito de estar no meio das pessoas, acompanho reuniões, movimentos e é por lá que as pessoas ensinam o que sabem, muitas vezes os mais velhos ensinam quando estão em uma roda de conversa, outra hora quando estão trabalhando; existe época que somente os homens vão em grupo em acampamento, e por lá sempre há um historiador ou que conhece e entende bem das coisas. É muito bom e importante estar participando dos momentos assim, pois hoje em dia, a chegada da *internet* deixa a gente mais preocupado porque as pessoas quase não interagem mais em roda de conversa sendo muito raro acontecer uma reunião no pátio da aldeia, e nós que trabalhamos na escola temos hora para cumprir e a nossa escola funciona em tempo integral. Às vezes, atrapalha nossa organização na aldeia, mas mesmo assim, os professores estão presentes para contribuir de qualquer forma para o povo.

As imagens abaixo dizem respeito à roda de conversa realizada.

Figuras 7 e 8: Roda de conversa na aldeia Aki-ety



Então, na minha dissertação, resolvi trabalhar com neologismos na língua materna do nosso povo Kurâ-Bakairi, porque irá contribuir também para coletar e valorizar outras informações presentes no falar dos Bakairi, mas neste trabalho optei por trabalhar/nomear apenas equipamentos eletrodomésticos presentes na aldeia, a princípio coletar trinta nomes de objetos que ainda não possuem nomes específicos na nossa língua materna, mas que as pessoas já estão começando a criar nomes para estes aparelhos, como já havia dito anteriormente. Antes de prestar atenção nesse detalhe de criação dos nomes, eu achava que as pessoas estavam inventando por inventar, mas depois ao longo de estudos científicos dentro da academia, pude observar que era algo tão valioso e rico para valorizar e fortalecer a nossa língua, que então fui coletando e pesquisando os nomes que não fazem parte da nossa realidade (língua) e que hoje em dia fazem parte no dia a dia.

Ao longo da pesquisa, coletei informações e ideias das pessoas junto com os alunos na sala de aula e fomos produzindo estes desafios no intuito de trazer outra forma de manter nossa língua viva e mais rica para ser falada na aldeia.

Para que pudéssemos realizar nosso trabalho, tivemos vários momentos de discussão, coleta de dados, seminários, correções, ilustrações como mostra a tabela e as figuras abaixo.

Nº	Mês/2024	Atividade
01	Março	Início de trabalho da pesquisa com os alunos da Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi
02	Abril	Coleta de dados da pesquisa com os alunos
03	Maio	Seleção de palavras coletadas
04	Maio	Trabalho de tradução
05	Junho	Trabalho de correção das atividades
06	Julho	Trabalho de organização das atividades
07	Agosto	Participação em seminário
08	Setembro	Apresentação de trabalho para ilustração
09	Outubro	Trabalho de ilustração
10	Novembro	Trabalho de correção final

Figuras 9, 10, 11 e 12: Produção de atividades com alunos do Ensino Médio



Acervo: do Pesquisador (2024)

Conforme fui coletando as informações, logo em seguida na sala de aula, fomos organizando os nomes e ilustrando para que se tornasse um trabalho bem produtivo.

Ao longo dessa jornada, pude notar o quanto é importante estar produzindo material que sirva para ao nosso povo. No início, tivemos muitas dificuldades, mas conforme fomos praticando, foi diminuindo. Encontramos algumas inseguranças na produção, mas a maior certeza que eu percebi neste desafio é que antes não tinha muita experiência e total domínio quanto hoje em dia a pesquisa trouxe para mim no fortalecimento da língua materna. Essa iniciativa de criar e registrar os nomes dos objetos eletrodomésticos poderá servir para os demais que se fazem presentes em nosso meio no dia a dia.

Portanto, conforme trabalho com o falar dos alunos quanto da comunidade, consegui coletar trinta nomes de objetos para que desse passo a essa pesquisa, e abaixo vou inserir os nomes que criamos e falamos no dia a dia para nomear os objetos em nossa língua materna.

1) Celular: iorai, kydâtunâguedo, pyry pyry
2) Geladeira: pyni nhâkânwanâni
3) Ventilador: sapezenru sameim
4) TV/Televisão: tâenseim, unâ egatuho, adâjidyly enehoim
5) Liquidificador: pyni samiuim, pyni akoho
6) Micro-ondas: pyni sareâni, pyni areânto
7) Ar condicionado: kynkâwanâni,
8) Tablet/computador/notbook: âwanu aieto, âdydimeom aini
9) Máquina de lavar roupa/faz tudo: âtâ igokeho, âtâ igokeim
10) Batedeira: iwaluguyim, itugâni
11) Sanduicheira: pyni ikabidugueim,
12) Centrifuga: âtâ apomini, âtâ apomido
13) Fogão: pyni aieto, pyni aieni
14) Chapinha: kyangahudu epâgueho, tâjiangahudu epâgueho
15) Modelador: tâjagamiongugueho, tâjiagamiongu etyim
16) Secador: kyangahudu ilanâni, tâjiangahudu ilanâdo
17) Fone de ouvido: tâjiwantary odar idato
) Lanterna: kopae ly ieto, kopae esagoim
19) Aspirador: sagunu etyho, saguno epâgueim
20) Aparelho de som: taypa idato, taypa unâ idato, taypa tâjigâky idato
21) Impressora: iweniho wâgâ etyim, iwenihobry etyim
22) Chuveiro elétrico: kito sareâni, tâjito sareânto, tâjito sareâni
23) Antena digital: tâenseim iepanâgueim, tâenseim xuim
24) Freezer: imâem nhâkâwanâni, agui nhâkâwanâni
25) Carregador portátil: eohonru apani, eohonru apado
26) Churrasqueira elétrica: podo ihuim, podo ihuho
27) Lavadora de alta pressão: tohonre kehoem paru ameim
28) Furadeira: ihoguyim, ihoguyho

29) Motor serra: se satâho, se satâim
30) Roçadeira: ipiho, ipim

A partir da coleta dos trinta nomes de produtos eletrodomésticos da pesquisa, classifiquei um dos neologismos para cada palavra do português que entrou para nossa língua, conforme os tipos de formação de palavras já comentados:

Nome	Neologismo	Classificação
1- Celular	Iorai	Conceitual
2- Geladeira	Pyni Nhâkânwanâni	Derivação + Composição
3- Ventilador	Sapezenru Sameim	Composição
4- TV/Televisão	Tâenseim	Derivação
5- Liquidificador	Pyni samiuim	Composição
6- Micro-ondas	Pyni sareâni	Composição
7- Ar condicionado	Kyânkâwanâni	Derivação
8-Tablet/Computador/Notebook	Âwanu aieto	Composição
9- Máquina de lavar roupa	Âtâ igokeho	Derivação + Composição
10- Batedeira	Itugâni	Derivação
11- Sanduicheira	Pyni ikabidugueim	Derivação + Composição
12- Centrifuga	Âtâ apomini	Derivação + Composição
13- Fogão	Pyni aieto	Composição
14- Chapinha	Tâjiangahudu epâgueho	Derivação + Composição
15- Modelador	Tâjiangamiongu etyim	Derivação + Composição
16- Secador	Tâjiangahudu ilanâdo	Derivação + Composição
17- Fone de ouvido	Tâjiwantary oday idato	Derivação + Composição
18- Lanterna	Kopae ly ieto	Composição
19- Aspirador	Sagunu epâgueim	Derivação + Composição
20- Aparelho de som	Taypa idato	Composição
21- Impressora	Iwenihobyry etyim	Derivação + Composição
22- Chuveiro elétrico	Tâjito sareâni	Derivação + Composição
23- Antena digital	Tâenseim xuim	Derivação + Composição
24- Freezer	Imâem nhâkânwanâni	Derivação + Composição

25- Carregador portátil	Eohonru apani	Derivação + Composição
26- Churrasqueira elétrica	Podo ihuim	Derivação + Composição
27- Lavadora de alta pressão	Tohonre kehoem paru ameim	Derivação + Composição
28- Furadeira	Ihoguyim	Derivação
29- Moto serra	Se satâho	Derivação + Composição
30- Roçadeira	Impim	Conceitual

A nossa língua materna Kurâ-Bakairi não é padronizada, podendo haver variações de acordo com os falantes, tanto é que existem divisões de subgrupos no mesmo povo, onde a língua se torna mais rica no falar entre eles. Esses trinta nomes citados não significam que todos falam desse modo, podendo existir mais falas, mas esses que coloquei neste trabalho foram os que os alunos mais usaram para nomear os eletrodomésticos na língua. Então, para melhor entendimento desta dissertação não pretendo limitar as falas, muito menos proibir outras formas de usar os nomes para os mesmos objetos.

A grande preocupação é manter a língua materna cada vez mais utilizada pelo povo para não ser esquecida, portanto, um dos meios de incentivar as falas é produzir materiais para que se tornem referência os que se preocupam em manter ela sempre viva e fortalecida, e assim vamos caminhando e abrindo as portas para aqueles que pensam em seguir estas pesquisas.

Fui privilegiado até porque ainda existem anciões falantes que são construtores de suas próprias ideias que contribuíram para a execução; desta forma, também agradeço todos os dias aos nossos verdadeiros guardiões que sempre se dedicaram em manter a língua do povo para não ser esquecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo apresentar uma discussão sobre a criação de palavras novas (neologismos), na língua materna, para substituir as palavras “estrangeiras” usadas atualmente para definir os eletrodomésticos que vêm entrando em nossa sociedade a partir da chegada da energia elétrica no nosso meio, para que nossa língua seja valorizada e preservada pelas nossas futuras gerações.

A partir dela constatamos resultados positivos tendo a pesquisa já contribuído muito para a comunidade; para mim, como pesquisador, ao mesmo tempo este trabalho trouxe mais experiência, e só tive a ganhar ótimos resultados, pude aproveitar o máximo de carinho, respeito e admiração dos nossos anciões, adultos, jovens e crianças que de alguma forma contribuíram para a execução desse trabalho e na elaboração do produto final da pesquisa.

Sabemos que no início não foi nada fácil para que este trabalho chegasse ao resultado final, tendo ocorrido vários momentos de discussões e debates, vários dias e noites inclusive nas madrugadas me dedicando incansavelmente para conseguir finalizar, mas todo esse esforço foi de suma importância porque conseguimos ocupar espaço em nossos meios e pude notar que a pesquisa fez e abriu novos modos de pensar em questões de uso da nossa língua materna.

Concluimos que os objetivos propostos no início do trabalho foram alcançados, ao apresentar uma lista com nomes, na língua materna, para os eletrodomésticos utilizados pelo nosso povo, discutidos e aceitos por todos, os quais já começaram ser utilizados, principalmente, pelos alunos do ensino médio da Escola Estadual Indígena Kurâ Bakairi. Pela relevância do trabalho, acreditamos que devemos manter a continuidade dos estudos, devido ao ingresso de novos aparelhos e nomes estrangeiros em nossa comunidade, um trabalho constante. Além disso, é extremamente importante a ampliação dos estudos para que as demais séries de nossa escola, consequentemente, de nosso povo, também passem a utilizar os termos no dia a dia da comunidade, fazendo com que o povo Kurâ-Bakairi, realmente, se aproprie do trabalho e possa em conjunto lutar pela preservação da língua materna.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas** (RCNEI). Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1998.

BARROS, Edir Pina de. Os Kurâ-Bakairi: cosmologia, sistemas de classificação e alianças matrimoniais. In: **Modelos e processos: ensaios de etnologia indígena**. Cuiabá: EdUFMT, 1998.

_____. **Kurâ Bakairi / Kurâ Karaiwa: Dois Mundos em Confronto**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UnB, 1977.

_____. **Os Filhos do Sol: História e Cosmologia na Organização Social de um Povo Karib: Os Kurâ Bakairi**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. **Os Bakairi**, in: Museu Oficina Kuikare: Processo de Resgate Cultural Bakairi. Fundação Nacional Pró-Memória / SPHAN / Minc, 1998

COLLET, Célia Letícia Gouvêa. **Ritos de civilização e cultura: a escola Bakairi**. Tese de doutorado/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

FREIRE, Paulo. **Não sou contra as cartilhas de alfabetização**. Nova Escola, S.I., abr. 1986.

CORREIA, Margarita; Almeida, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GRUPIONI, Luis Donizete Benzi (org). As Leis e a Educação Escolar Indígena. In: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena. Brasília: MEC/SEF, 2001.

KOMAEDA, Laurinda. Unâ Egatubobyry 5. Cuiabá: Sammer Institute of Linguistics. 1995.

TAUKANE, Darlene Yaminalo. Avanços e impasses na educação escolar indígena: a experiência Kurâ-Bakairi. In: VEIGA, Juracilda; SALANOVA, Andres (Orgs.). **Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto de escola**. Brasília: Funai; Campinas: ALB, 2001. p. 13-23.

SILVA, Magno Amaldo. **Educação Escolar Indígena Kurâ Bakairi: Uma contribuição ao pensamento educacional específico e diferenciado**. Monografia de Especialização em Educação Escolar Indígena. Barra do Bugres: UNEMAT, 2004.

_____. **Uma Etnografia do Iakuigady: O Jeito de Viver Bakairi**. In: Cadernos de Educação Escolar Indígena – 3º Grau Indígena. Barra do Bugres: UNEMAT, v. 2. n. 1, 2003.

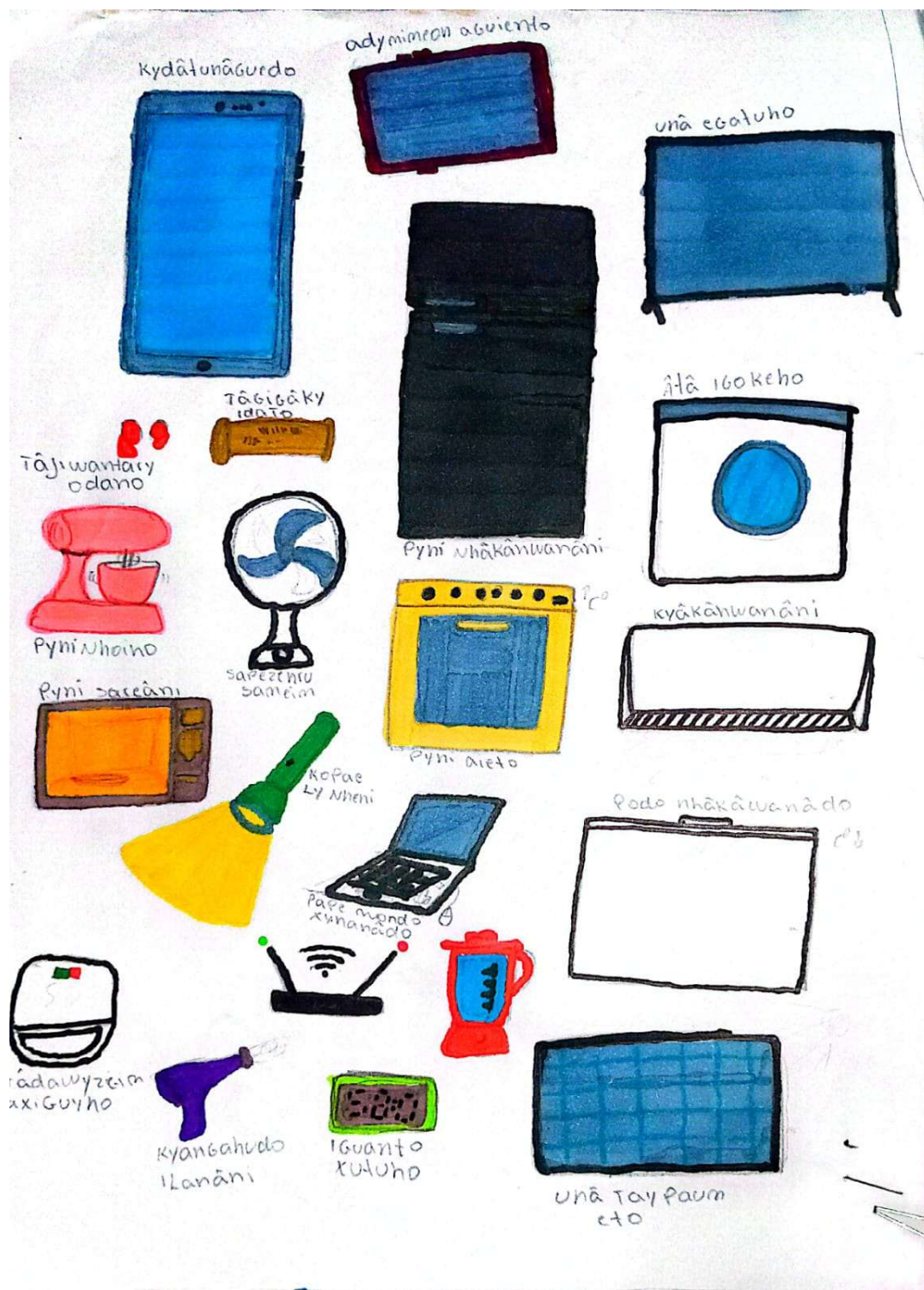
CONSULTORES NATIVOS

Daircy Cutazega kaipanago

Apolônio Apiaga

Alinor Aiakady Kaluiawa

KYSEJIGUY MONDO



Luiz Carlos Tawi Matarim

APRESENTAÇÃO

Este trabalho consiste no produto educacional resultado da pesquisa de Mestrado Profissional intitulada “Neologismos e ensino na língua Kurâ-Bakairi: resistência e fortalecimento”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Intercultural Indígena (PPGECII), da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), realizada entre 2023 e 2025, a qual trata de neologismos no falar dos alunos do ensino médio da Escola Bakairi. Apesar dos dados terem sido coletados integralmente na Escola da Aldeia Pakuera, da Terra Indígena Bakairi, do município de Paranatinga-MT, ela recebe alunos de todas as demais aldeias, inclusive não indígenas moradores de fazendas vizinhas.

Norteados pela premissa de valorização da língua materna, buscou-se o consenso de direcionar todos os trabalhos durante a pesquisa de campo, para apresentar novas palavras que pudessem substituir os nomes “aportuguesados” por nomes na língua Kurâ-Bakairi, para os eletrodomésticos existentes nas nossas aldeias. Vale ressaltar que ao pesquisar, escrever e ler sobre esses neologismos, cujo campo é muito fértil, os alunos mergulharam na cosmovisão de mundo, respeitando principalmente a Terra: respeito por todos que vivem na terra e respeito para com os sobrenaturais.

A Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi oferta o ensino bilíngue Bakairi/Português para as crianças e jovens, o que lhes permite aprender a ler e a escrever no idioma nativo, mas é através dele, também, que são introduzidos os termos “estrangeiros” que vêm tomando espaço no falar Kurâ-Bakairi, encantando e engolindo parte da cultura de nosso povo. Precisamos saber, aprender nessa via de mão dupla, até mesmo para garantir a sobrevivência de nossa língua materna.

É nesse sentido que estamos apresentando esse trabalho: um catálogo de palavras do campo lexical equipamentos/eletrodomésticos que entraram para a língua Kurâ-Bakairi pelo português. São trinta palavras que entraram para nossa língua pelo português e para cada uma delas há as possíveis formas criadas (neologismos) em língua materna e uma ilustração feita pelos alunos.

LISTA DE PRODUTOS TRABALHADOS

1) Celular: iorai, kydâtunâguedo, pyry pyry
2) Geladeira: pyni nhâkânwanâni
3) Ventilador: sapezenru sameim
4) TV/Televisão: tâenseim, unâ egatuho, adâjidyly enehoim
5) Liquidificador: pyni samiuim, pyni akoho
6) Micro-ondas: pyni sareâni, pyni areânto
7) Ar condicionado: kyânkâwanâni,
8) Tablet/computador/notbook: âwanu aieto, âdydimeom aieni
9) Máquina de lavar roupa/faz tudo: âtâ igokeho, âtâ igokeim
10) Batedeira: iwaluguyim, itugâni
11) Sanduicheira: pyni ikabidugueim,
12) Centrifuga: âtâ apomini, âtâ apomido
13) Fogão: pyni aieto, pyni aieni
14) Chapinha: kyangahudu epâgueho, tâjiangahudu epâgueho
15) Modelador: tâjagamiongugueho, tâjiagamiongu etyim
16) Secador: kyangahudu ilanâni, tâjiangahudu ilanâdo
17) Fone de ouvido: tâjiwantary odar idato
18) Lanterna: kopae ly ieto, kopae esagoim
19) Aspirador: sagunu etyho, saguno epâgueim
20) Aparelho de som: taypa idato, taypa unâ idato, taypa tâjigâky idato
21) Impressora: iweniho wâgâ etyim, iwenihobyry etyim
22) Chuveiro elétrico: kito sareâni, tâjito sareânto, tâjito sareâni
23) Antena digital: tâenseim iepanâgueim, tâenseim xuim
24) Freezer: imâem nhâkâwanâni, agui nhâkâwanâni
25) Carregador portátil: eohonru apani, eohonru apado
26) Churrasqueira elétrica: podo ihuim, podo ihuho
27) Lavadora de alta pressão: tohonre kehoem paru ameim
28) Furadeira: ihoguyim, ihoguyho
29) Motor serra: se satâho, se satâim
30) Roçadeira: ipiho, ipim

1) Iorai, Kydâtunâguedo, Pyry Pyry, Toragueim, Kuruni (Celular)



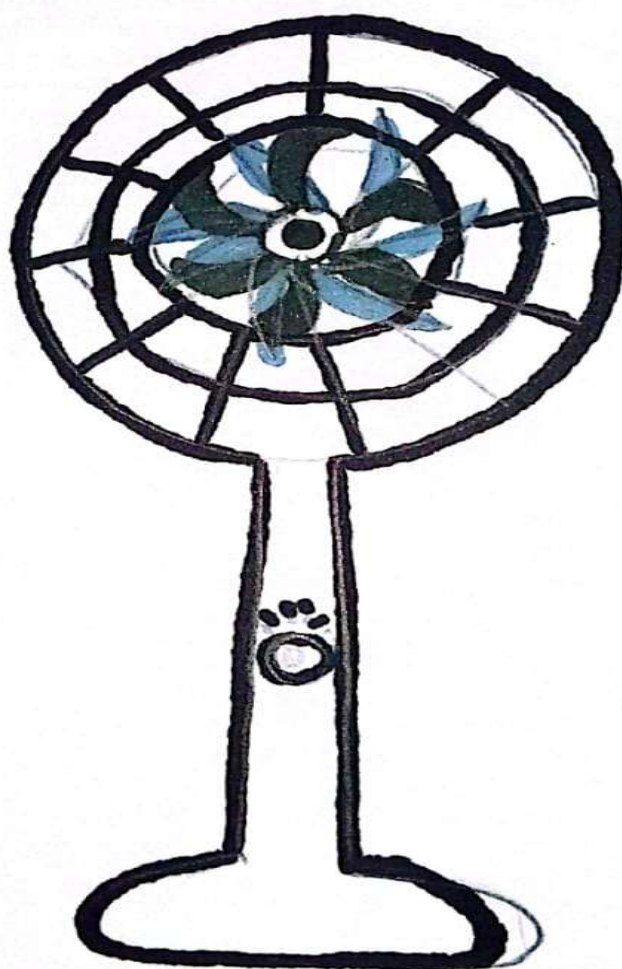
2) Pyni nhâkânwanâni, Keinly mondo nhâkânwanâni (Geladeira)

Keinly mondo nhâkânwanâni



3) Sapezenru sameim, Pydydy Pydydy kyeni (Ventilador)

Pydy Pydy kôeni



4) Tâenseim, Unâ egatuho, Adâjidyly enehoim (TV/Televisão)



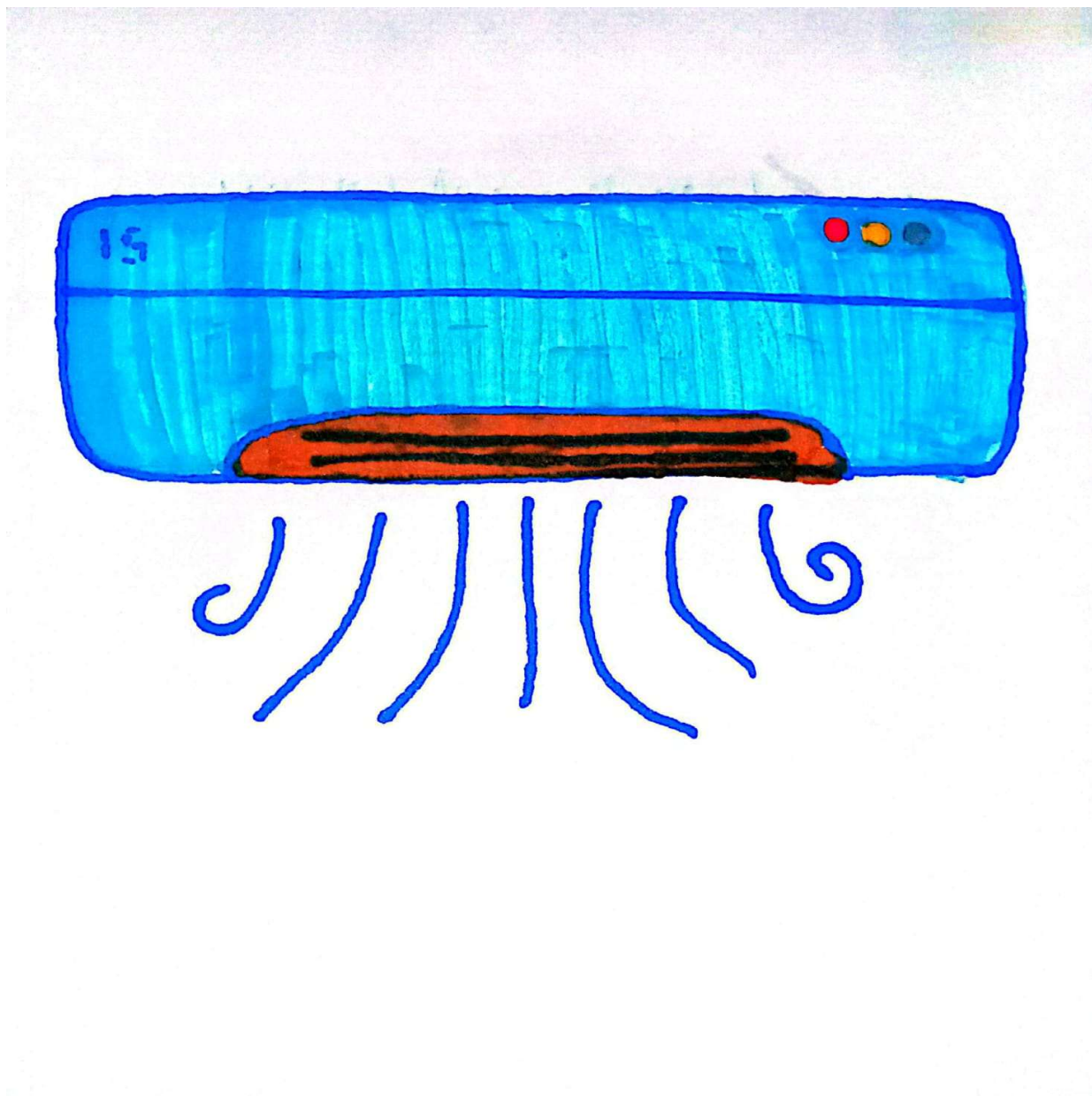
5) Pyni samiuim, Pyni akoho, Sakoim (Liquidificador)



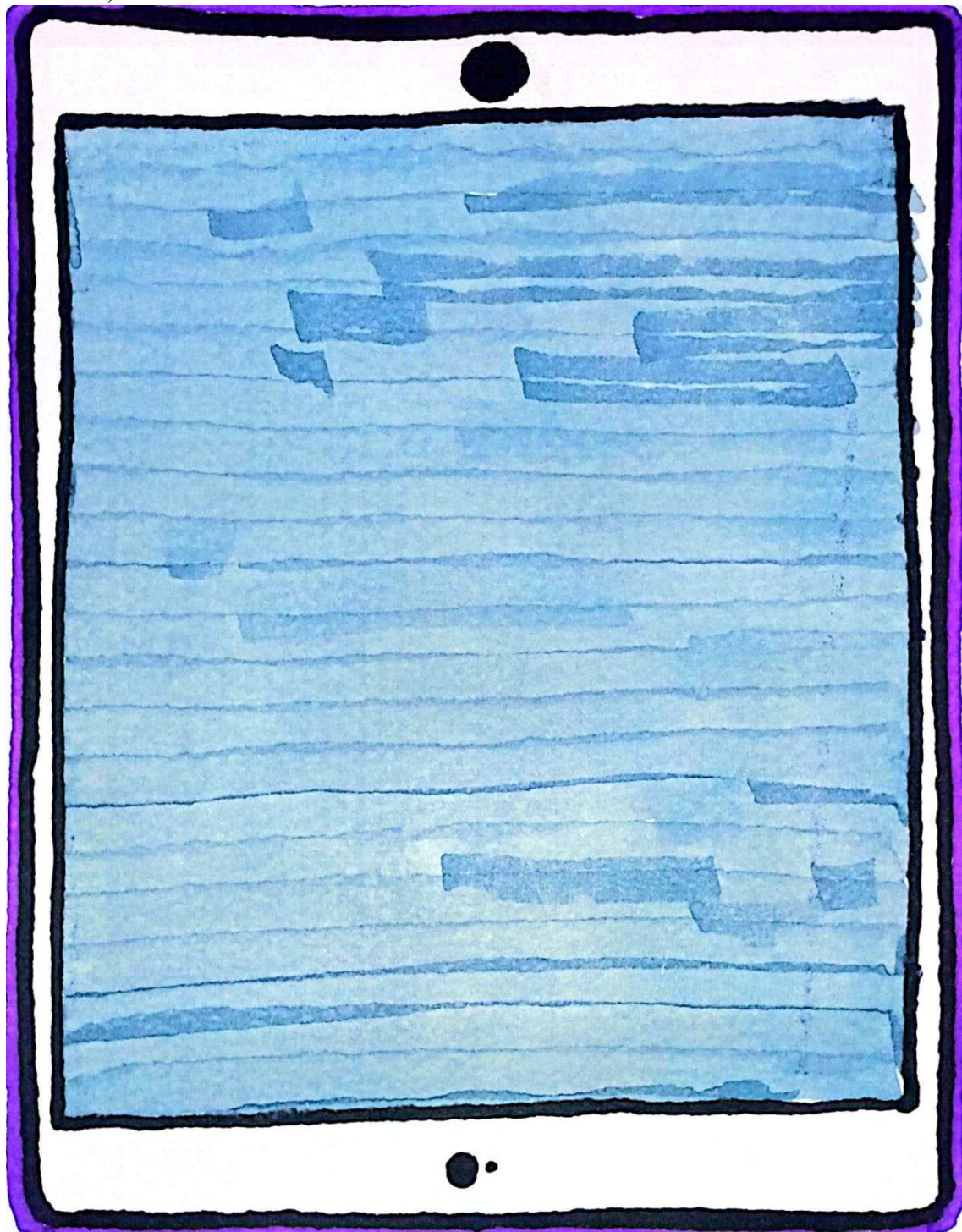
6) Pyni sareâni, Pyni areânto (Micro-ondas)



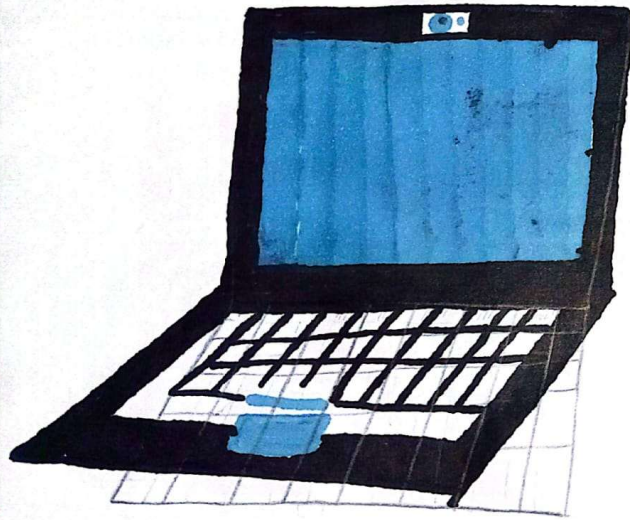
7) Kyânkâwanâni (Ar condicionado)



8) âwanu aieto, âdydimeom aieni, kydâsewaniho, Kydâsenomedâdo (Tablet, computador, notebook)

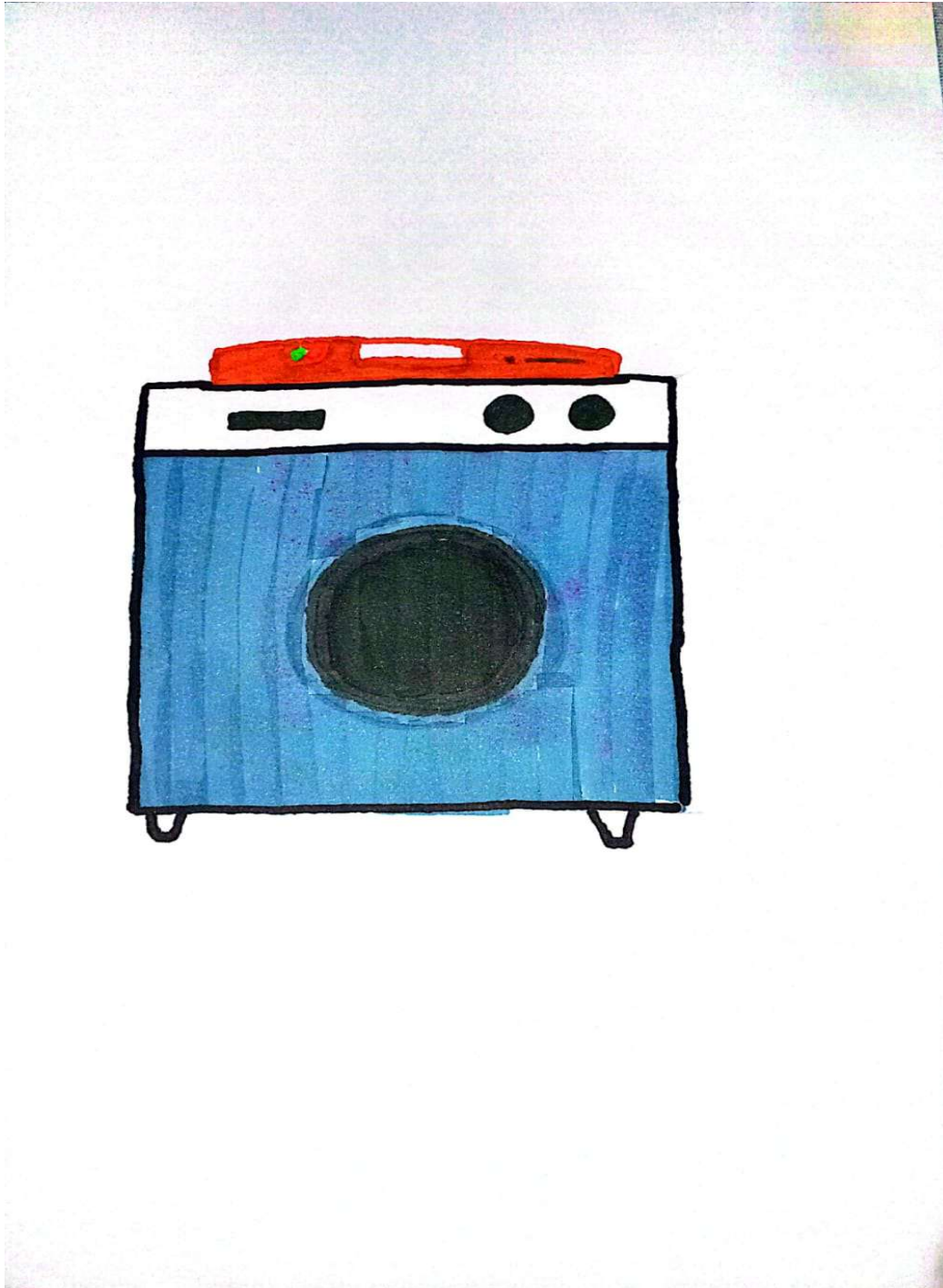


notebook: Kxd e ser nomedado



Kxd âsewaniho

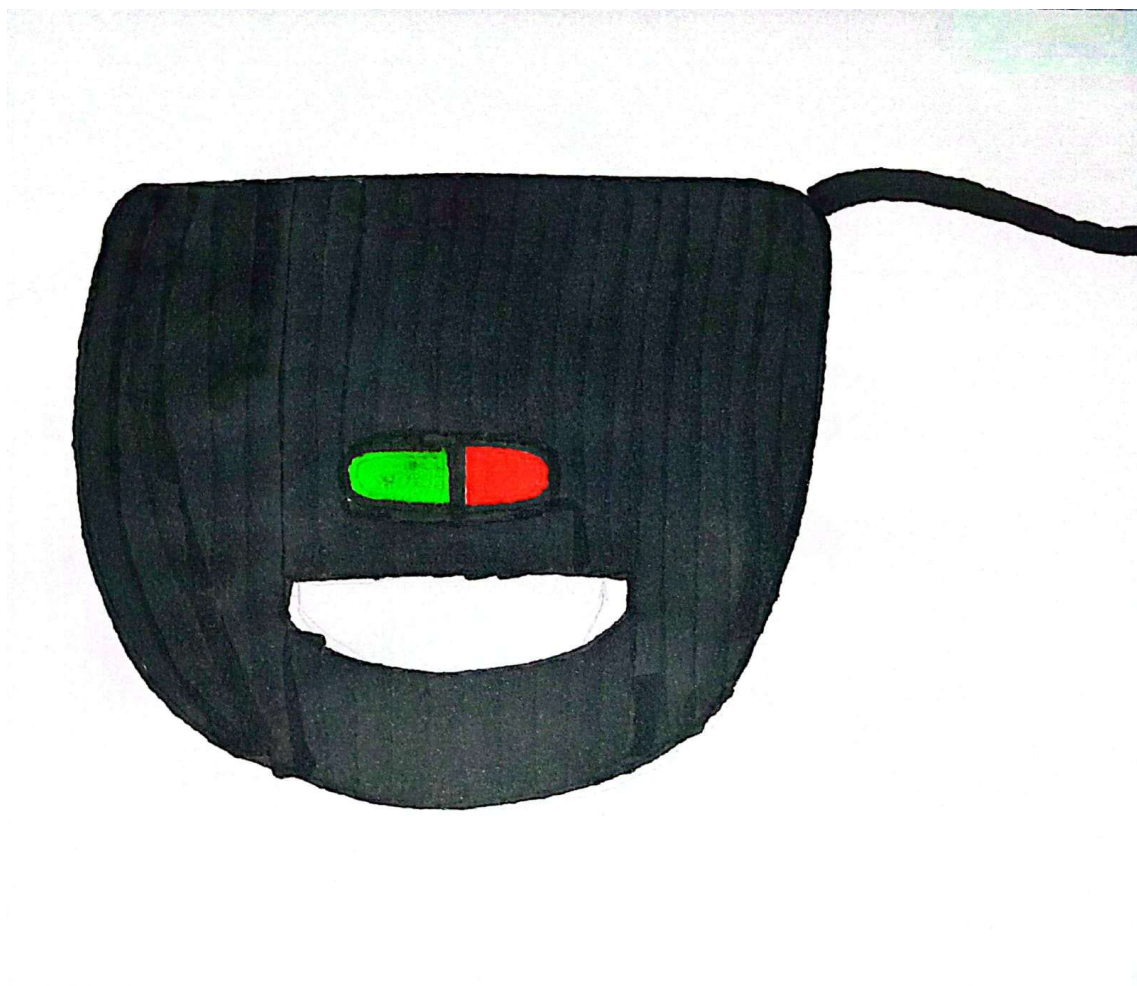
9) Âtâ igokeho, âtâ igokeim (Máquina de lavar roupa/faz tudo)



10) Iwaluguyim, itugâni (Batedeira)



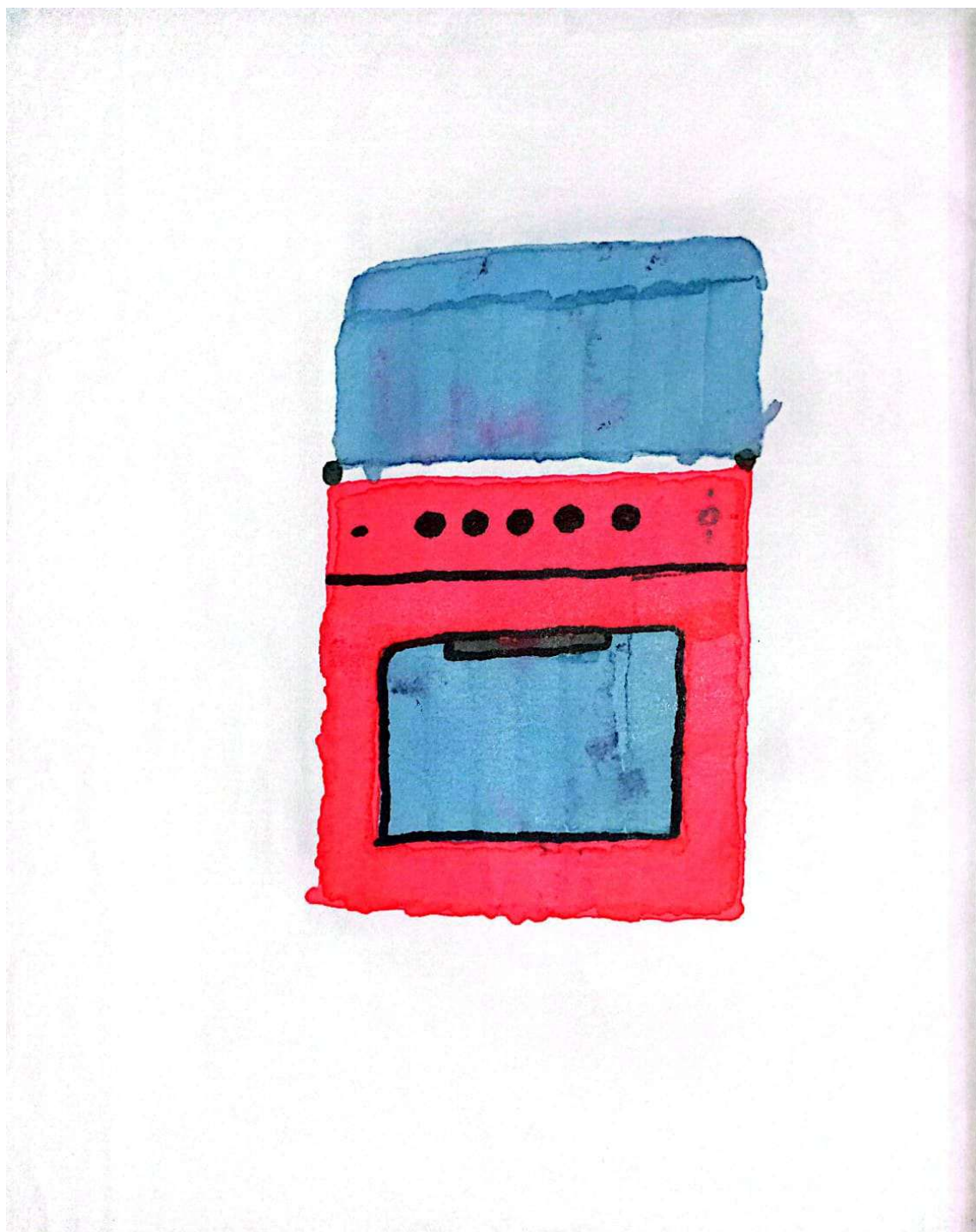
11) Pyni ikabidugueim (Sanduicheira)



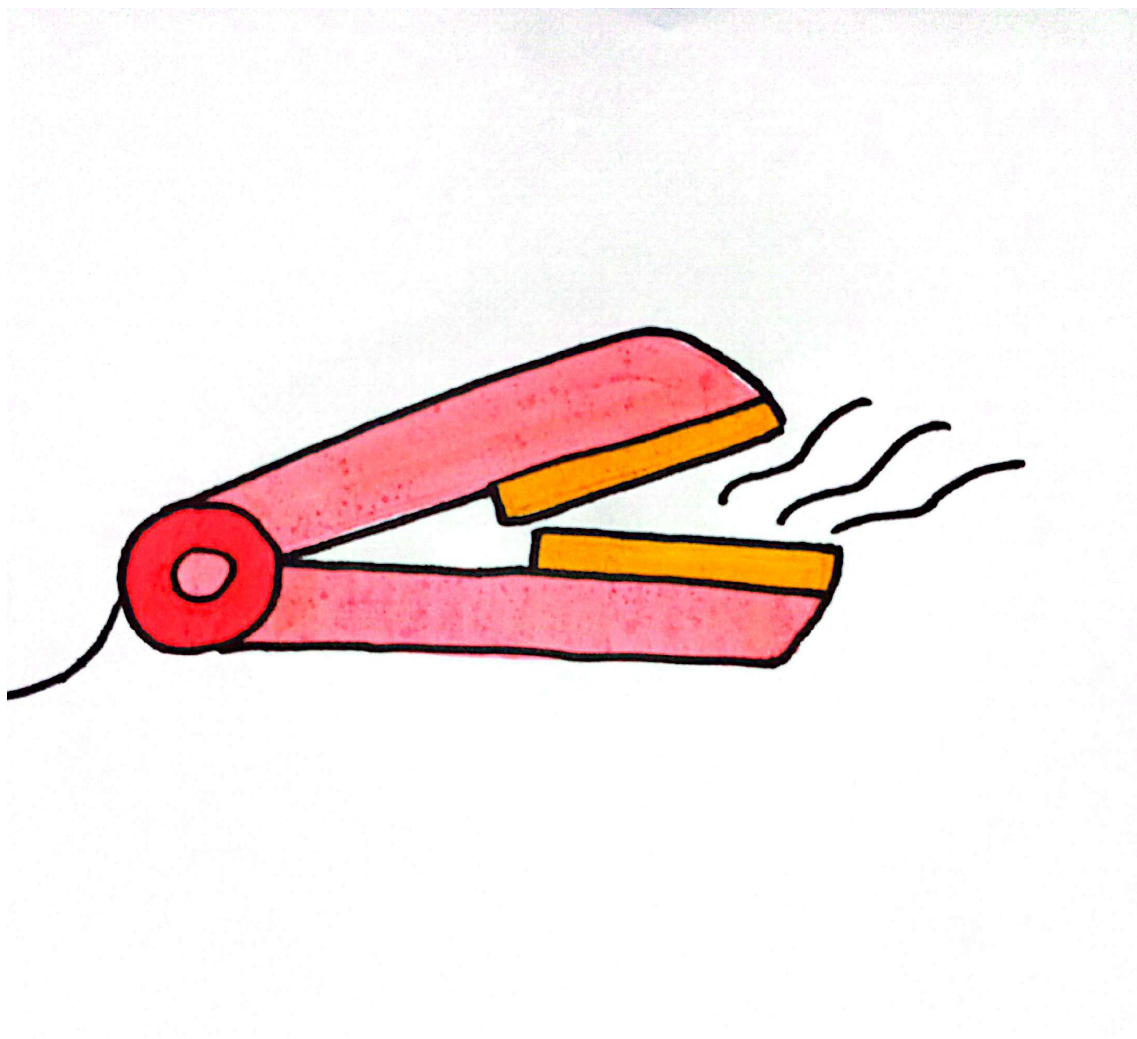
12) Âtâ apomini, âtâ apomido (centrífuga)



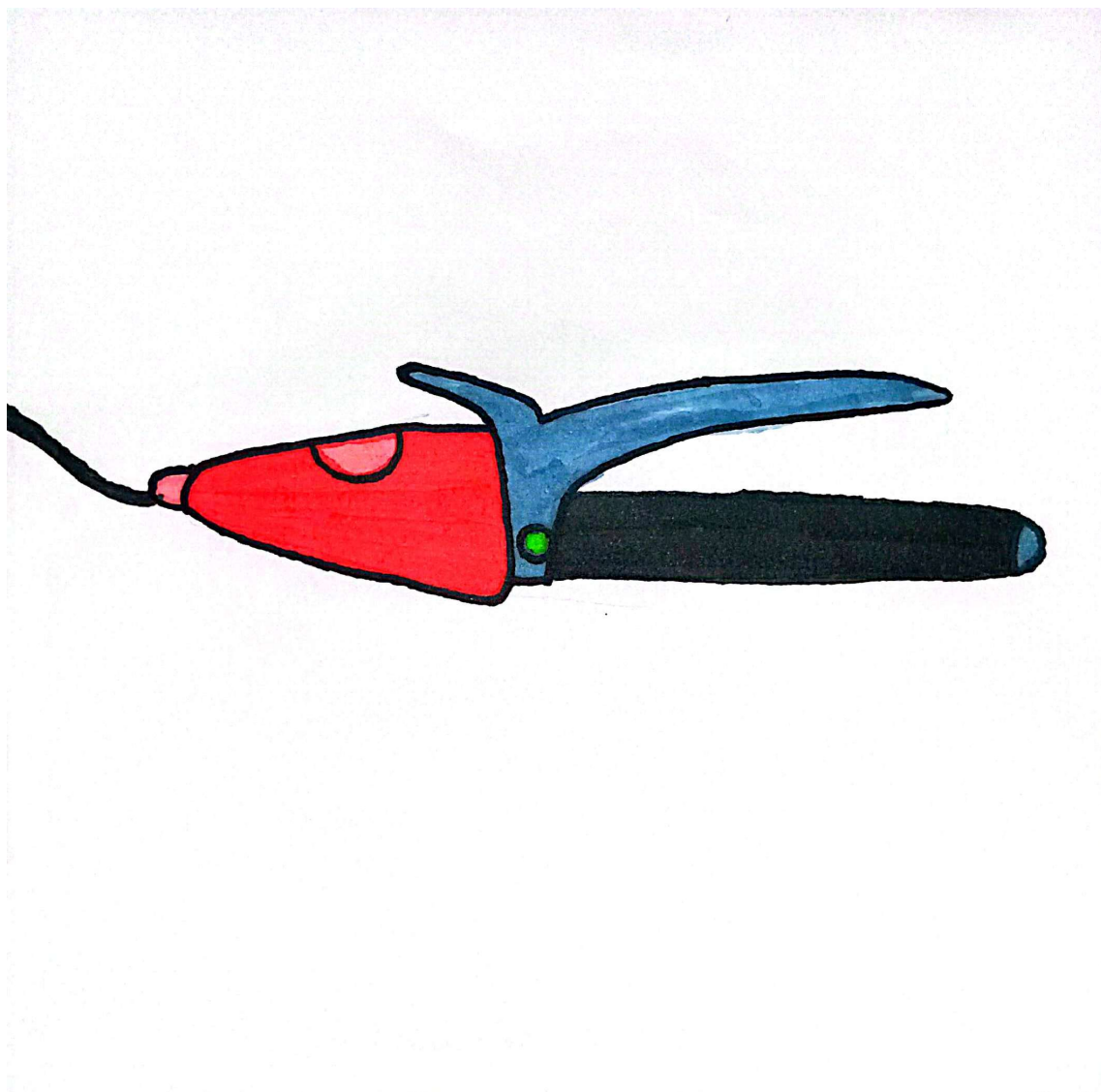
13) Pyni aieto, Pyni aieni (Fogão)



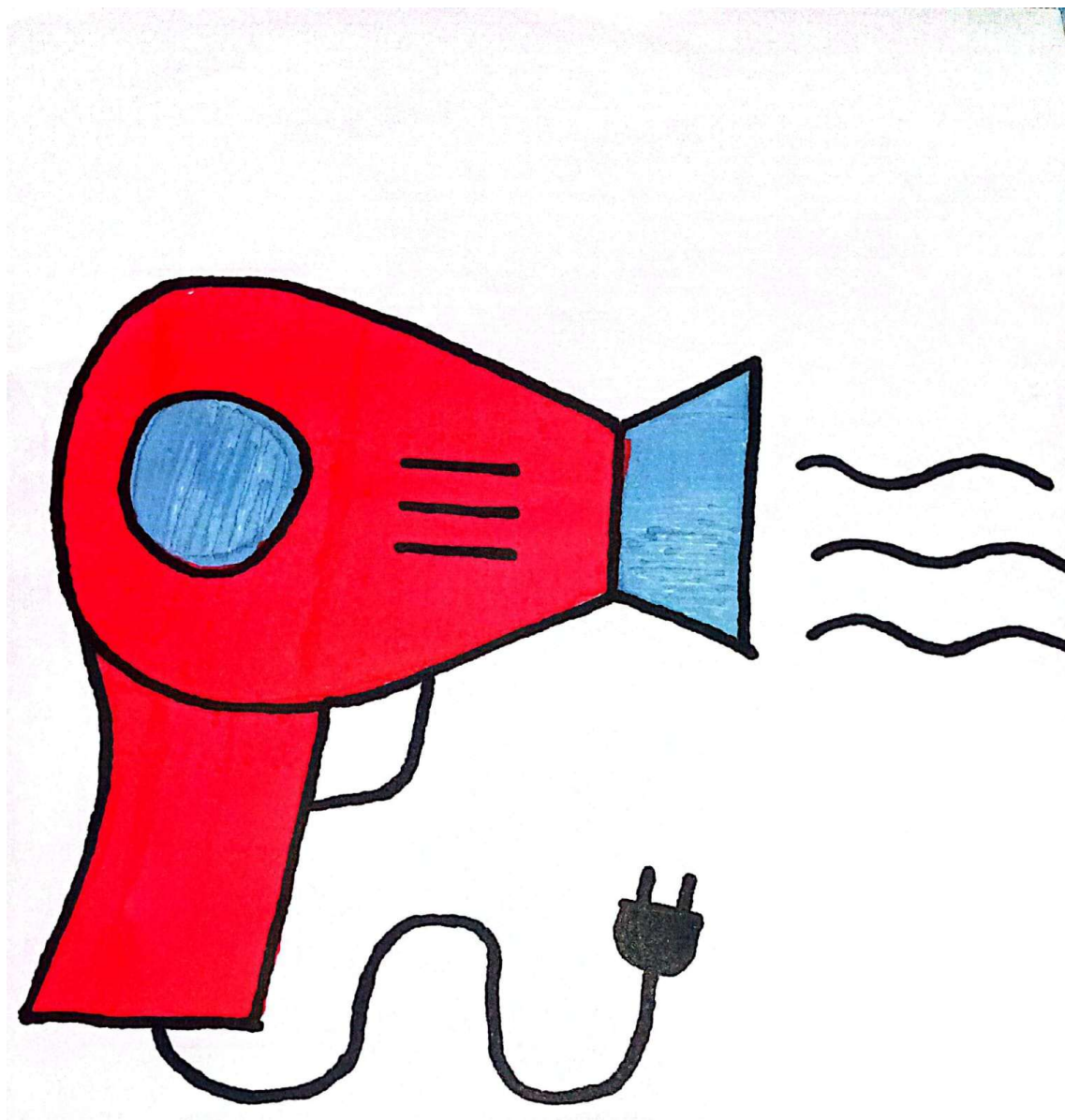
14) Kyangahudu epâgueho, tâjiangahudu epâgueho (Chapinha)



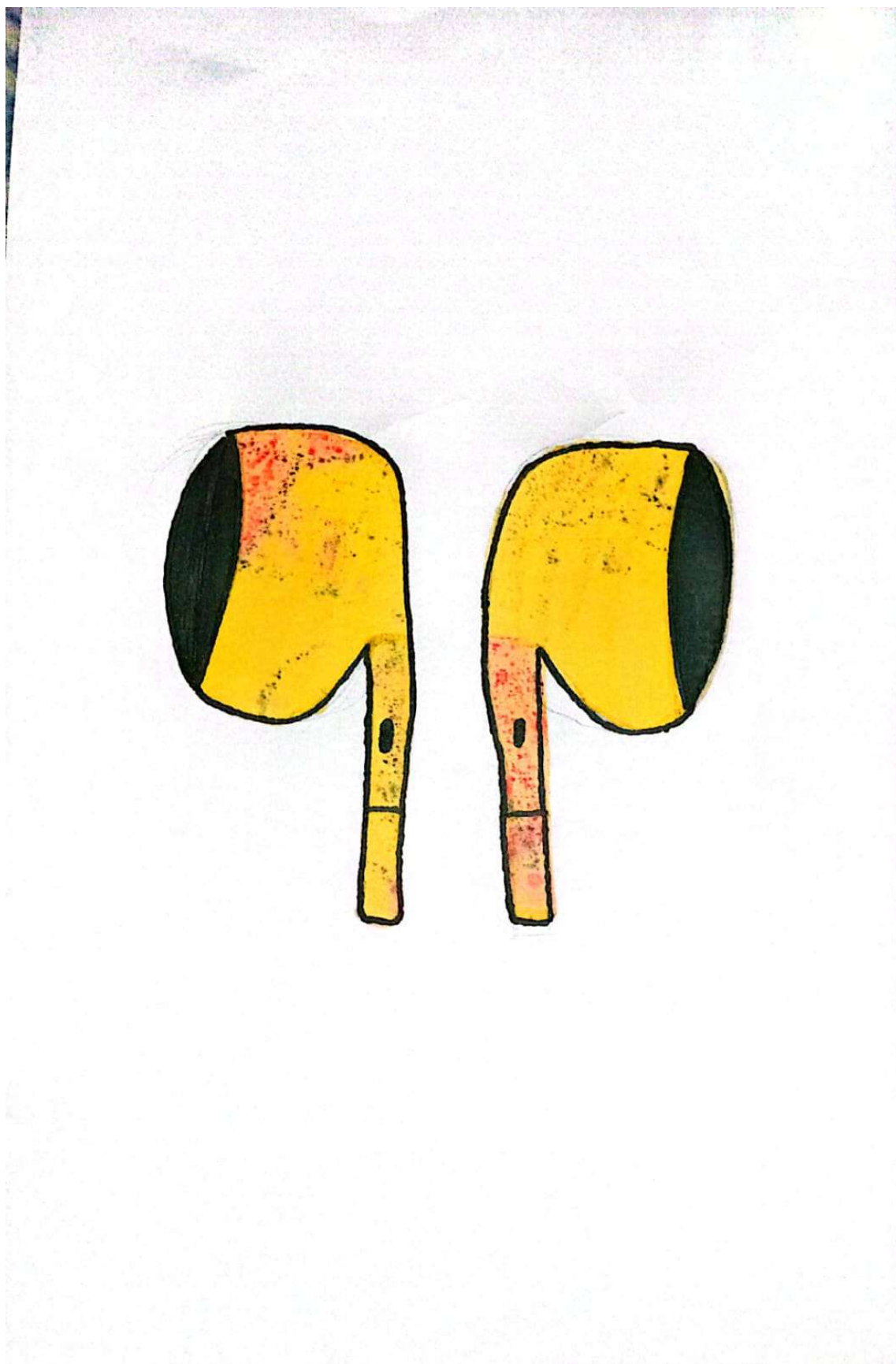
15) Tâjagamiongugueho, tâjiagamiogu etyim (Modelador)



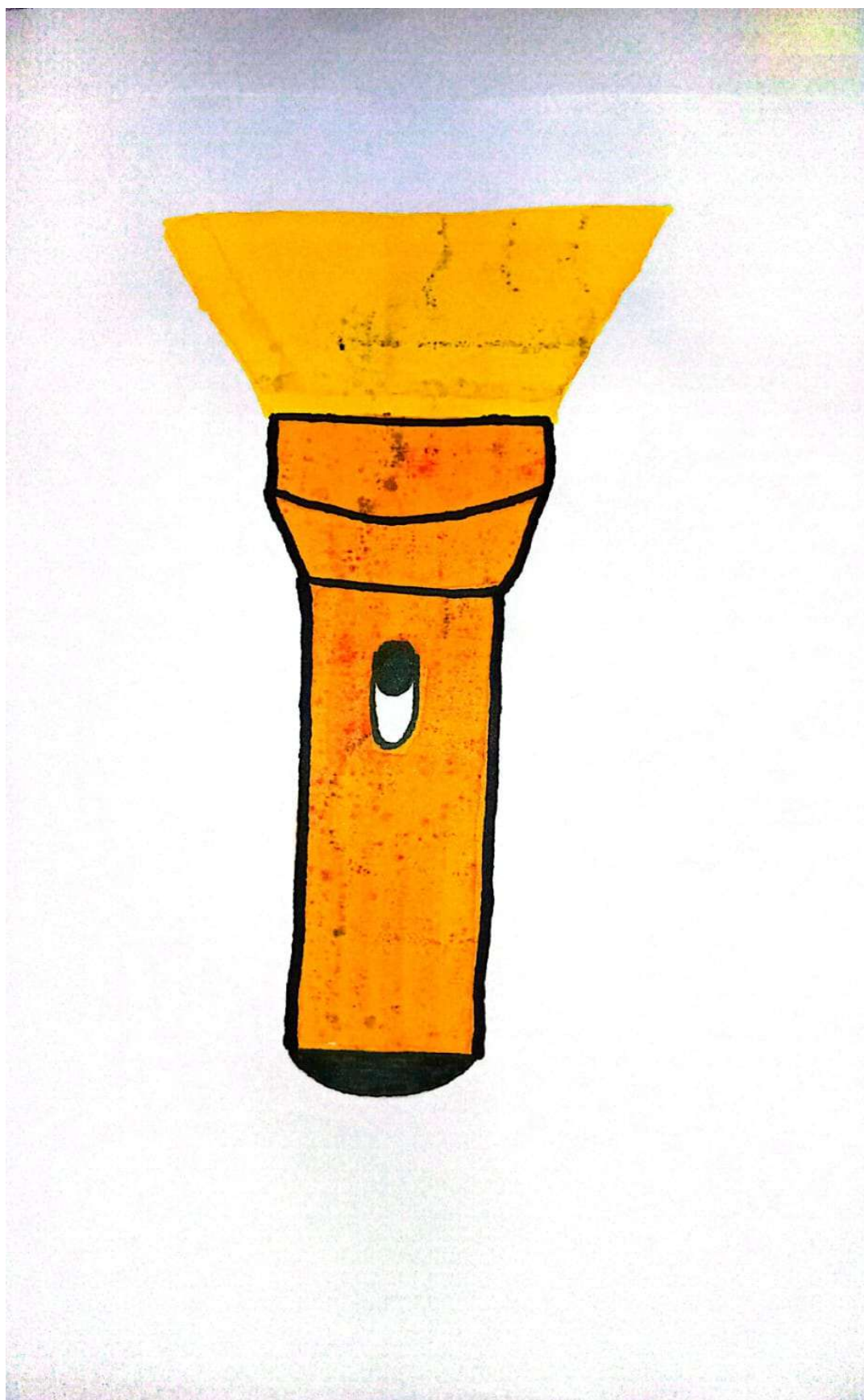
16) Kyangahudu Ilanâni, Tâjiangahudu Ilanâdo (Secador de cabelo)



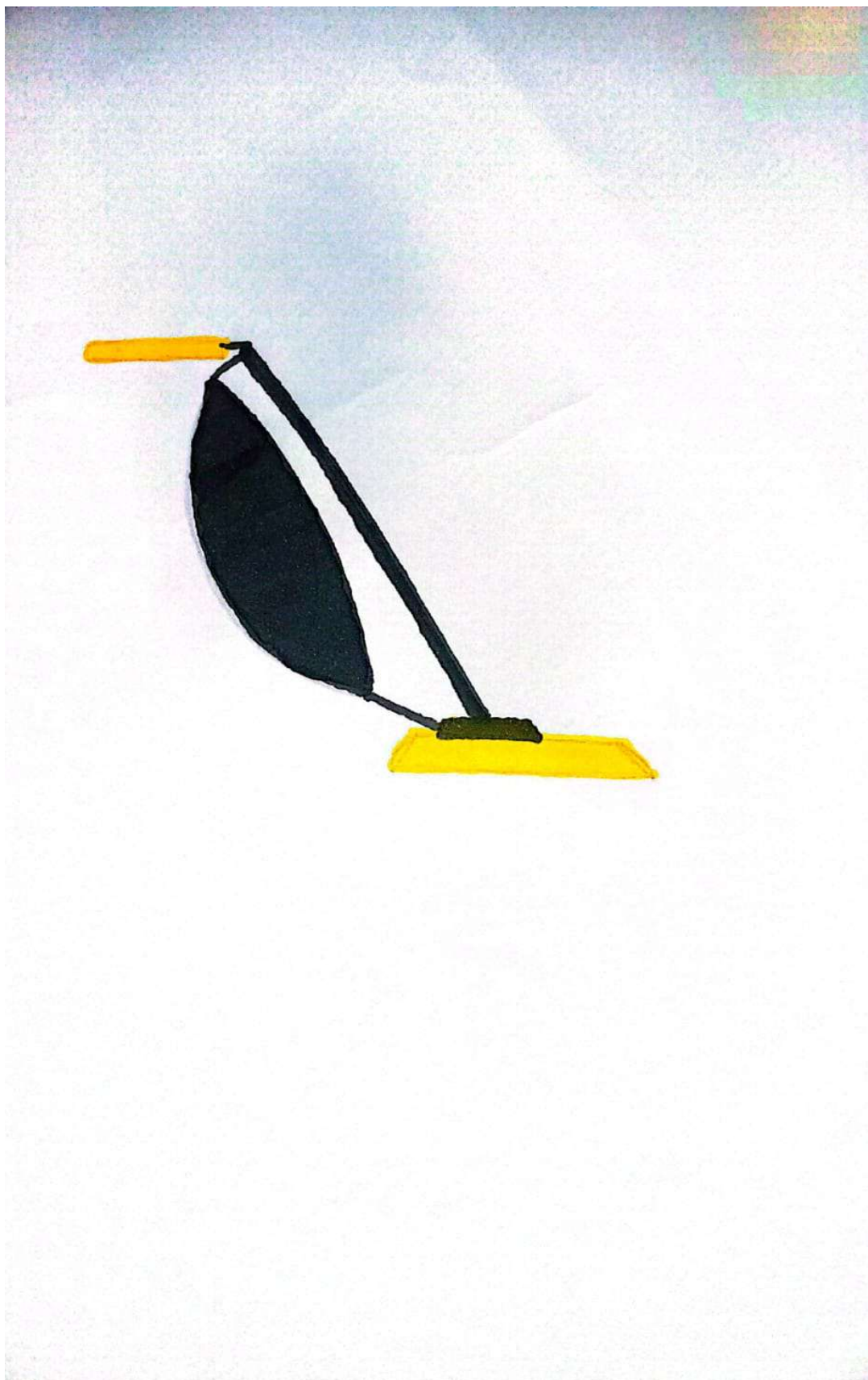
17) Tâjiwantary odar idato, Kywantary oday idato (Fone de ouvido)



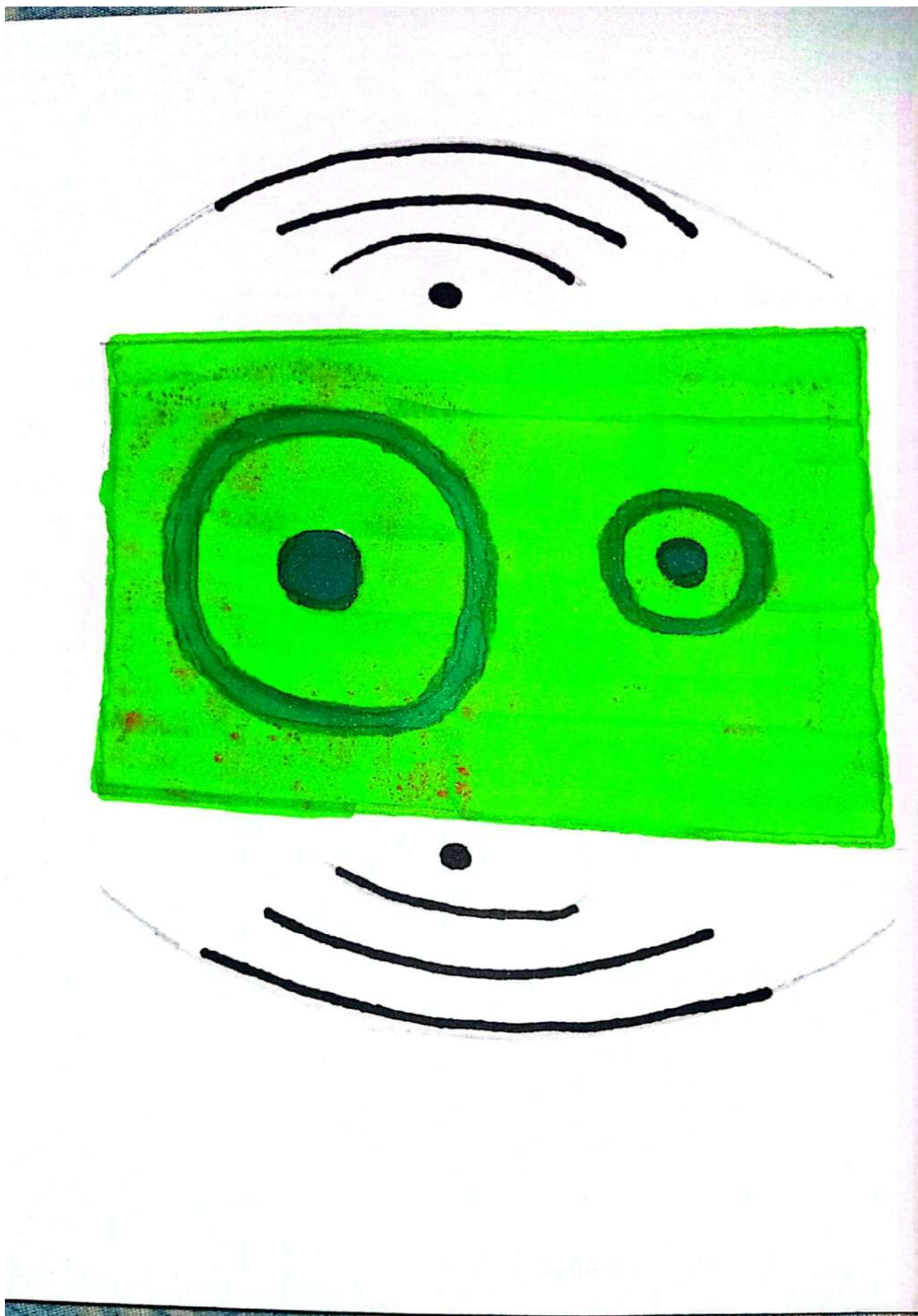
18) Kopae ly ieto, kopae esagoho/esagoim (Lanterna)



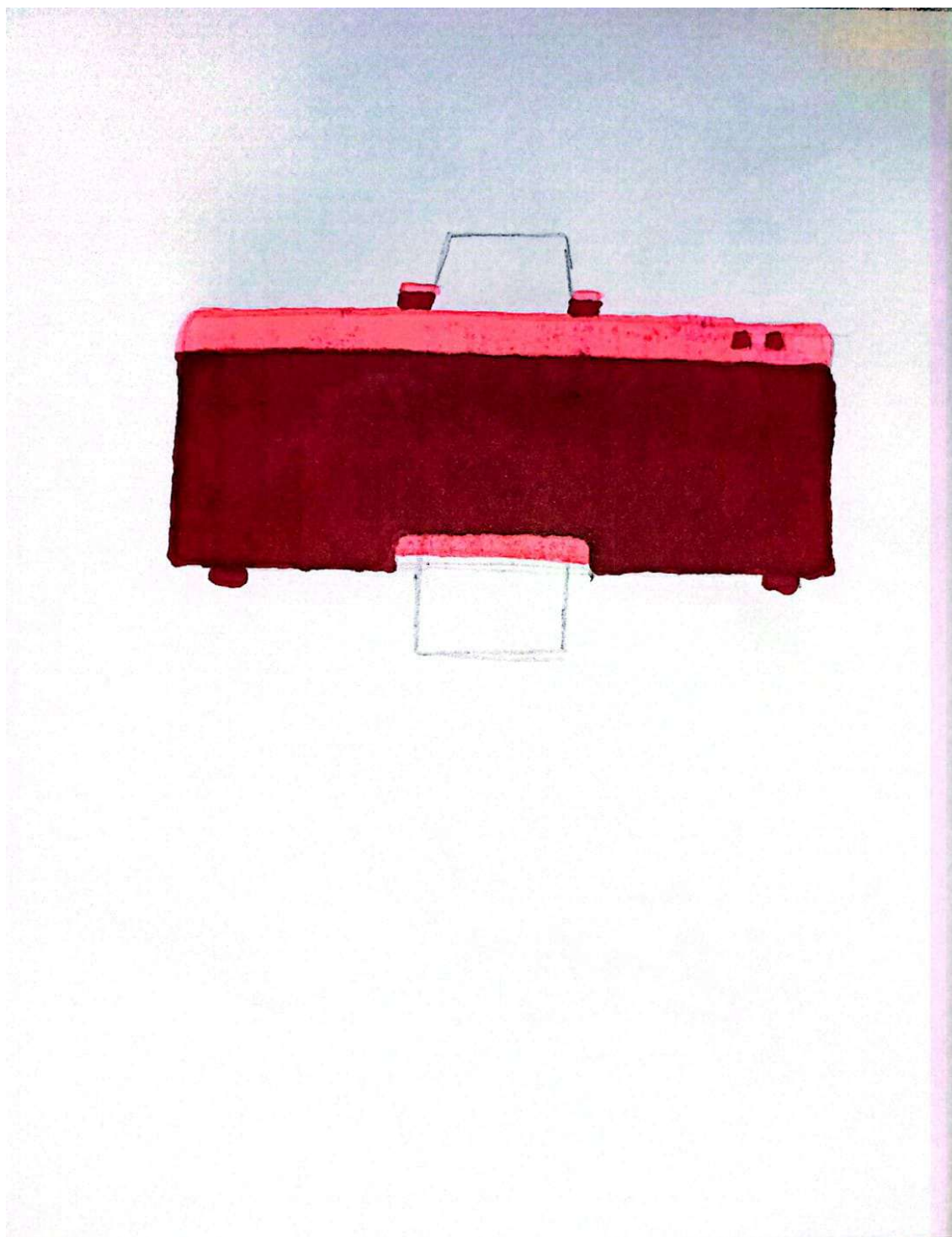
19) Sagunu etyho, Sagunu epâgueim (Aspirador)



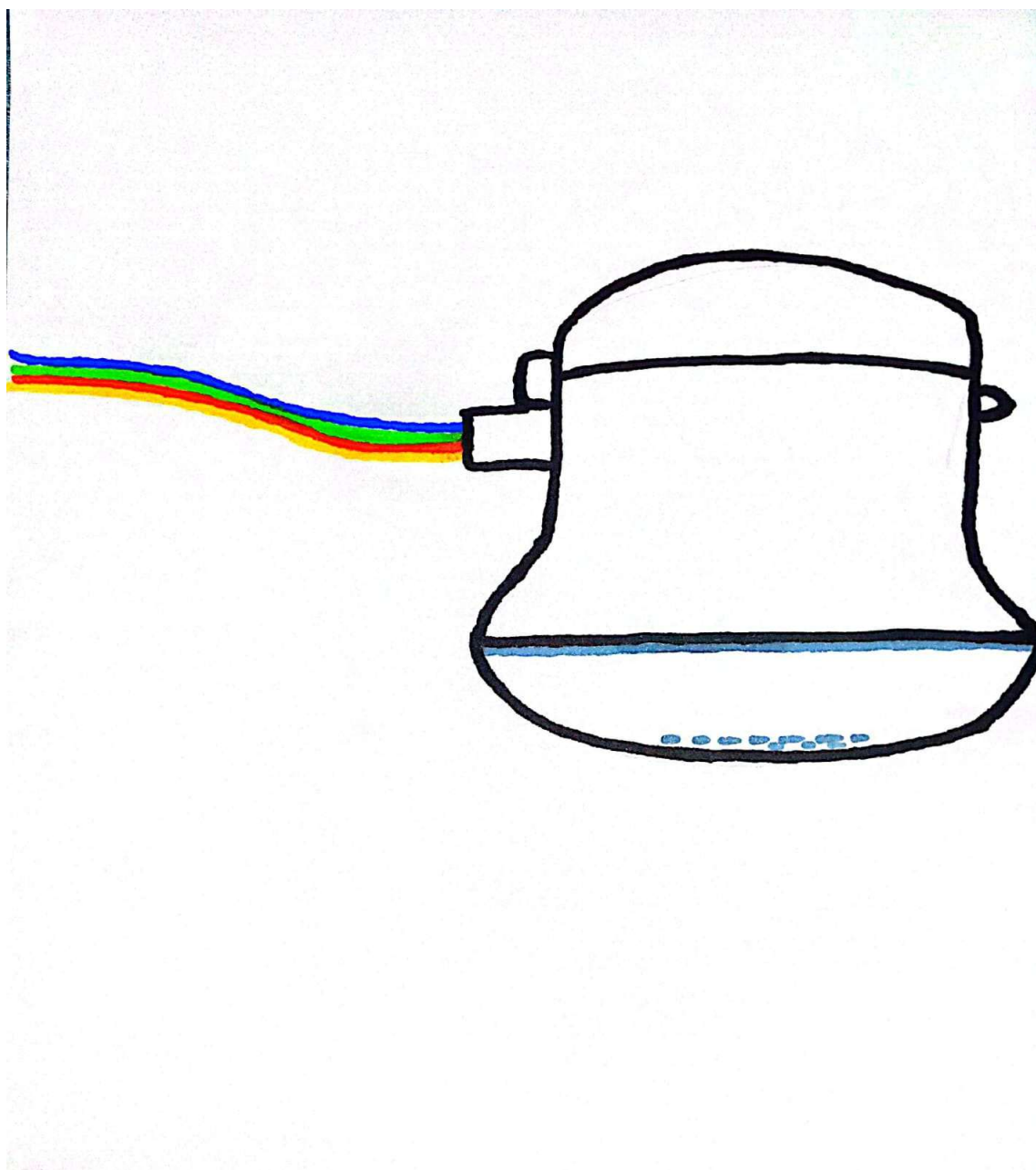
20) Taypa Idato, Taypa unâ idato, Taypa tâjigâky idato/idanehoeim (Aparelho de som)



21) Iweniho wâgâ etyim, Iwenihobyry etyim (Impressora)



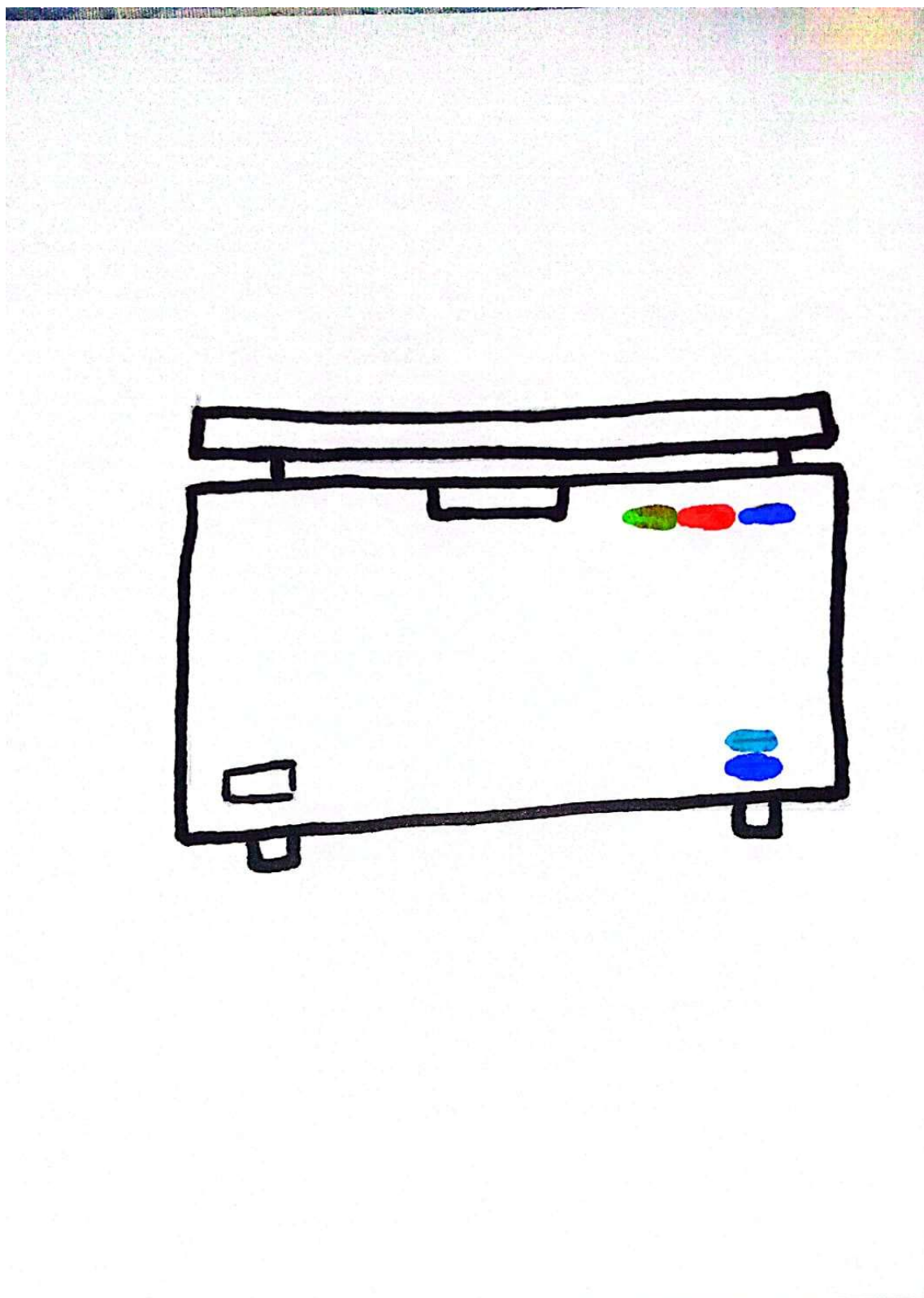
22) Kito sareâni, tâjito sareânto, tâjito sareâni (Chuveiro elétrico)



23) Tâenseim iepanâgueim, Tâenseim xuim (Antena digital)



24) Imâem nhâkâwanâni, agui nhâkâwanâni (Freezer)



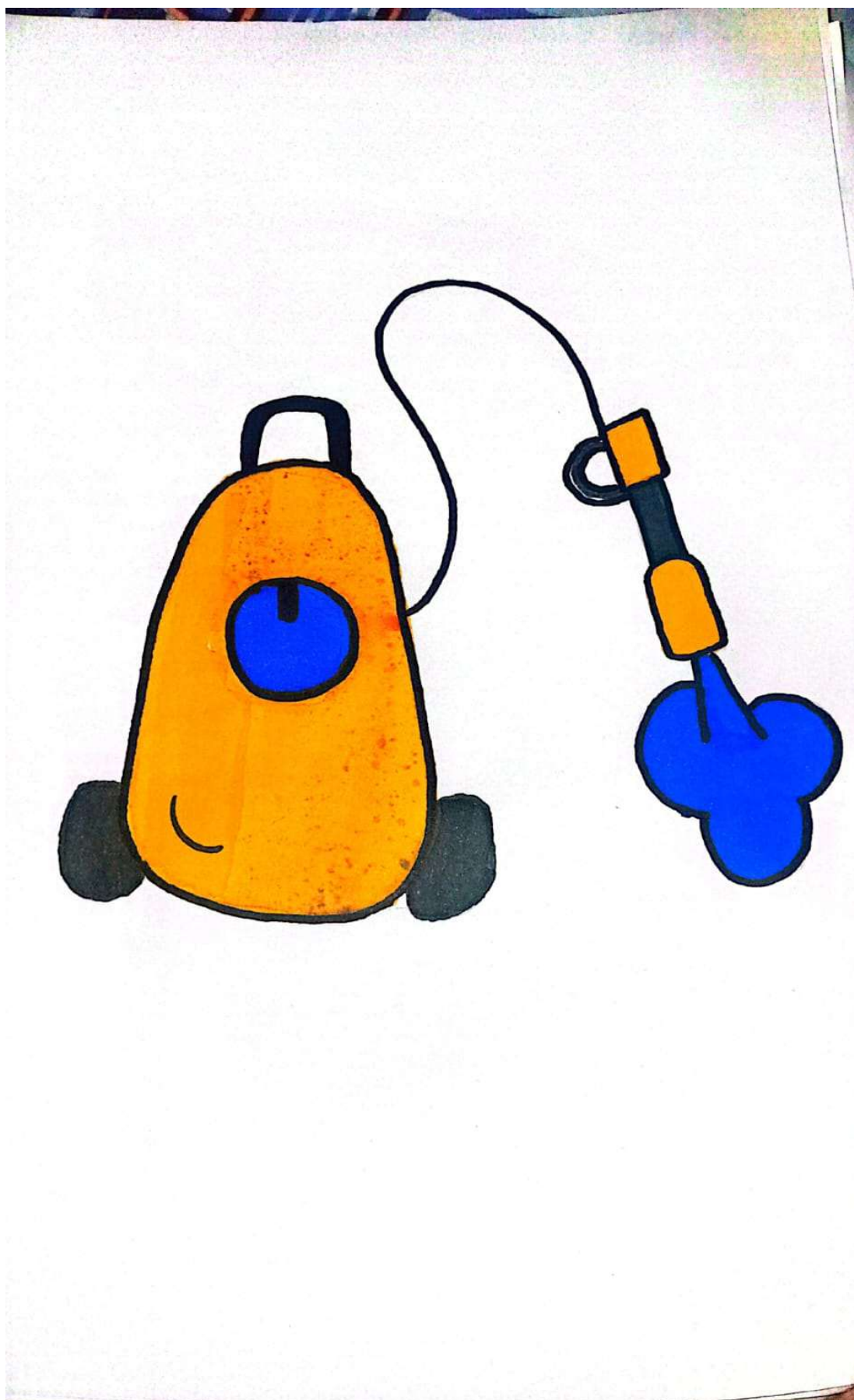
25) Eohonru apani, Eohonru apado (Carregador portátil)



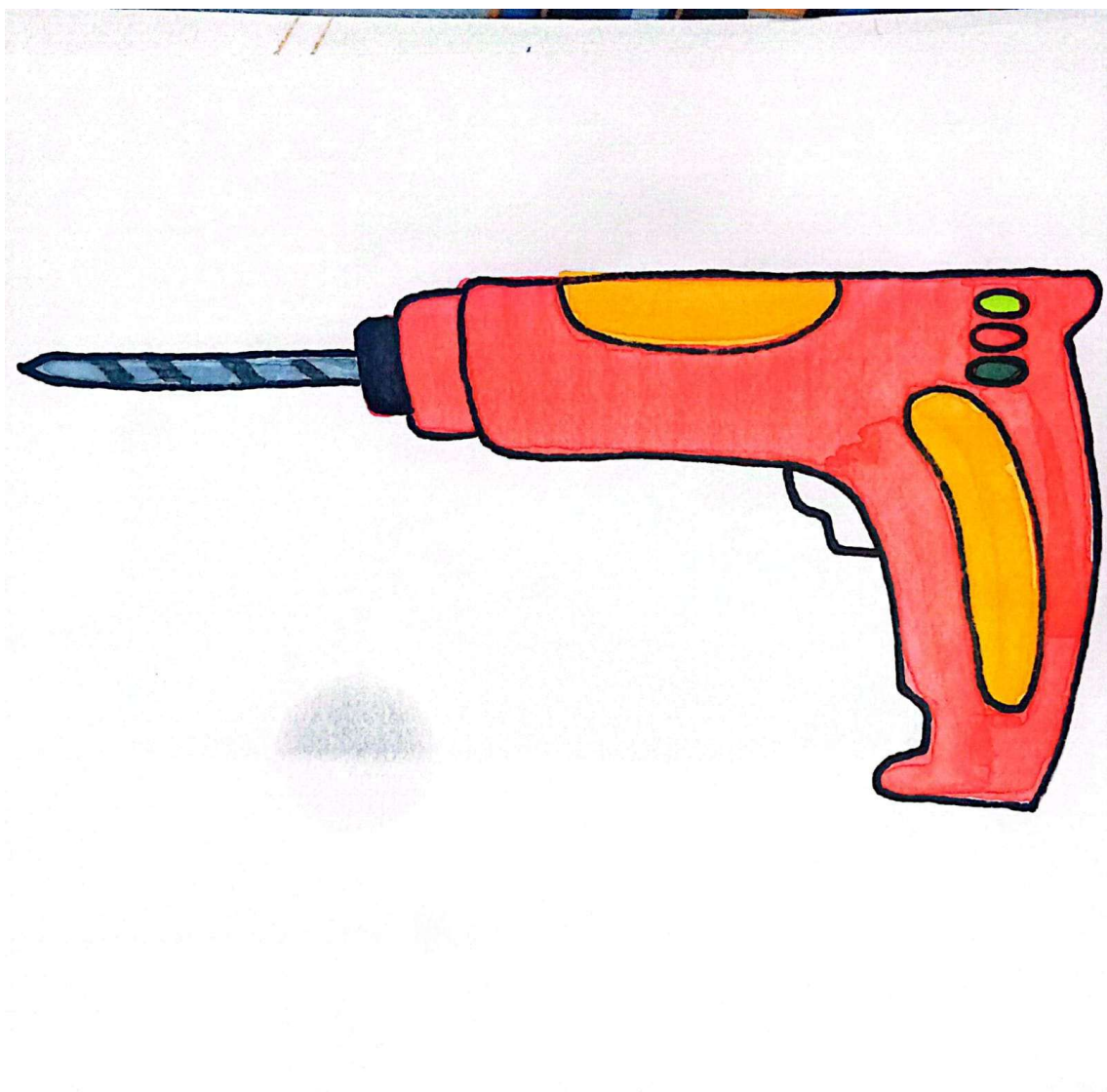
26) Podo Ihuim, Podo Ihuho (Churrasqueira elétrica)



27) Tohonre kehoem paru ameim (Lavadora de alta pressão)



28) Ihoguyim, Ihoguyho (Furadeira)



29) Se Satâho, Se Satâim (Motosserra)



30) Ipiho, Ipim (Roçadeira)



Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi/Aldeia Pakuera



Alunos participantes da pesquisa:

Mayara Katauga, Zahy Ahuialo, Cauani Migoguy, Edilson Nunâ, Kaiky Ihouna, Luan Xerente, Jucinei Pânrea, Glauberson Katubi, Luciano Sales, Livia Clara Aiumaniru Tawi, Galbia Loyane Numeielo Mugupâ, Magnus Mobyra, Alindelso Karaihi Xerente, Izabelly Iawaiu de Macedo, Elbiane Kawomro Aiapaga e Uriah Seeka Pampega.



Universidade do Estado de Mato Grosso

Faculdade Indígena Intercultural

**Programa de Pós-Graduação em Ensino em
Contexto Indígena Intercultural**



Pesquisador: Prof. Luiz Carlos Tawi Matarim
Orientadora: Profa. Dra. Rejane Centurion

Barra do Bugres – Agosto/2025